

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ROBERTO MENEZES DE CASTRO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 14/05/2019.



VITÓRIA
2019

ROBERTO MENEZES DE CASTRO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 14/05/2019.



FÉ E EXISTÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DE KIERKEGAARD PARA A FILOSOFIA NO
ENSINO MÉDIO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Análise do Discurso
Religioso

Orientador: Dr. Abdruschin Schaeffer Rocha

Vitória - ES
2019

Castro, Roberto Menezes de

Fé e existência: contribuições de Kierkegaard para a filosofia no ensino médio/ Roberto Menezes de Castro. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

viii, 70 f. ; 31 cm.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

Referências bibliográficas: f. 67-70

1. Ciência da religião. 2. Análise do Discurso Religioso. 3. Ensino de Filosofia. 4. Fé e razão. 5. Existencialismo. 6. Kierkegaard. - Tese.

I. Roberto Menezes de Castro. II. Faculdade Unida de Vitória, 2019.

III. Título.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 14/05/2019.
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 14/05/2019.

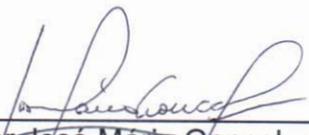
ROBERTO MENEZES DE CASTRO

FÉ E EXISTÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DE KIERKEGAARD PARA A FILOSOFIA NO
ENSINO MÉDIO

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.


Doutor Abdruschin Schaeffer Rocha – UNIDA (presidente)


Doutor José Mário Gonçalves – UNIDA


Doutor Antônio Vidal Nunes – UFES

DEDICATÓRIA

Essa pesquisa é dedicada a todos os sonhadores, a todas as pessoas que acreditam que a educação possa ser um elo de unidade, transformação e amor.

Aos meus pais (Joselito e Maria Lúcia) as minhas irmãs (Lívia e Luciana), aos meus amados sobrinhos (Lucas e Pietro), aos amigos, colegas professores e aos meus educadores, a vocês minha eterna gratidão pelo apoio, paciência e compreensão em todos os momentos em que a vida exige presença amiga, solidaria e companheira.



AGRADECIMENTOS

A palavra nesse momento é gratidão a todas as pessoas que fizeram parte desse processo de construção. Buscar o conhecimento é um desafio constante, contudo, acredito que é pelo aprendizado que podemos transformar o mundo e fazer dele um lugar possível para que todos possam conviver em harmonia.

A Deus que fez e faz bela todas as coisas, ele é minha força e centralidade, aos meus professores que se eternizam pela dignidade e coragem de ir ao encontro da verdade e que por muitas vezes contrariam interesses e grupos, todavia, permanecem firmes no legado.

Agradeço a Faculdade Unida de Vitória, ao Programa de Mestrado em Ciências das Religiões pela competência e seriedade, aos docentes, discentes e funcionários dessa instituição que me fizeram continuar trilhando o caminho do conhecimento, em especial ao Prof. Dr. Abdruschin Schaeffer Rocha (FUV) que como orientador me acolheu e me conduziu aos passos dessa pesquisa, aos avaliadores desse trabalho: Prof. Dr. José Mário Gonçalves (FUV) e Prof. Dr. Antônio Vidal Nunes (UFES), ao Prof. Dr. Marcio Lobo (UESB) pela escuta e presença amiga, as colegas de mestrado Cássia e Kênia, a vocês meu agradecimento pela presteza, indicações e norteamento.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é o trato da extrema importância do ensino de Filosofia para a formação dos alunos em sala de aula, numa perspectiva existencialista, investigando o vínculo entre fé e razão por meio da obra *Temor e tremor*, do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, que apresenta Abraão como o pai da fé, mostrando sua vida como elemento que conduz a repensar a trajetória humana existencial. Kierkegaard sempre aliou seu pensamento a questões existenciais, que fizeram do seu cotidiano um contínuo questionamento, com constantes argumentações e indagações. É esse caminho de constantes reflexões sobre o pensamento filosófico, o homem e sua existência que se apresenta aqui como ferramenta, ao lado do conhecimento das leis, parâmetros e diretrizes que regem o ensino de Filosofia no Brasil. Esse tratamento da Filosofia existencialista subsidia a elaboração de uma proposta curricular para o Ensino Médio capaz de preencher a incômoda lacuna no ensino de Filosofia no Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Fé e razão. Existencialismo. Kierkegaard.



ABSTRACT

The aim of this research is to deal with the extreme importance of Philosophy teaching for the formation of students in the classroom, in an existentialist perspective, investigating the link between faith and reason by the work of the Danish philosopher Soren Kierkegaard presents Abraham as the father of faith, showing his life as an element that leads to a rethinking of the existential human trajectory. Kierkegaard has always linked his thinking to existential questions, which have made his daily life a continuous questioning, with constant arguments and inquiries. It is this path of constant reflection on philosophical thought, man and its existence that presents itself here as a tool, along with knowledge of the laws, parameters and guidelines that govern the teaching of Philosophy in Brazil. This treatment of Existentialist Philosophy subsidizes the elaboration of a curricular proposal capable of filling the troublesome and harmful gap in the teaching of Philosophy at the State College Professor Firmo Nunes de Oliveira.

Keywords: Teaching Philosophy. Faith and reason. Existentialism. Kierkegaard.



SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1 O ENSINO DA FILOSOFIA: UMA EXPERIÊNCIA..... | 11 |
| 1.1 O que é Filosofia?..... | 11 |
| 1.1.1 Aprender e ensinar a filosofar | 14 |
| 1.1.2 Filosofia Pragmática | 17 |
| 1.2 Repensar um Currículo de Filosofia para o colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira..... | 21 |
| 1.2.1 Orientações curriculares para o ensino de Filosofia..... | 22 |
| 1.2.2 O currículo de Filosofia no Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira | 27 |
| 2 EXISTENCIALISMO, FÉ E RAZÃO EM KIERKEGAARD | 33 |
| 2.1 Filosofia existencialista: uma visão breve..... | 33 |
| 2.1.1 O Existencialismo em Kierkegaard: Vida e Obra | 35 |
| 2.1.2 A questão da religião, da fé e da razão em Kierkegaard | 37 |
| 2.2 A Fé em “Elogio de Abraão”, da obra Temor e tremor..... | 42 |
| 2.2.1 A Fé e a Razão como mediadoras nos questionamentos filosóficos | 45 |
| 2.2.2 A reflexão filosófica como busca existencial tendo como auxílio à fé | 47 |
| 3 UMA PROPOSTA DO ENSINO DE FILOSOFIA: PENSAR A EXISTÊNCIA | 49 |
| 3.1 Pensar a Filosofia como conhecimento existencial..... | 49 |
| 3.2 Uma proposta do ensino inspirada na Filosofia existencialista..... | 51 |
| 3.2.1 Proposta Curricular a ser aplicada no Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira..... | 56 |
| 3.2.2 Relatório de aplicação da proposta curricular | 59 |
| CONCLUSÃO..... | 65 |
| REFERÊNCIAS | 67 |

INTRODUÇÃO

Visando trazer à tona a discussão do ensino de Filosofia é que esta pesquisa foi empreendida, dentro dos parâmetros que regem a disciplina, em um curso que preza o profissionalismo. E em consenso com o programa que visa as Ciências das Religiões, é oportuno tratar de um filósofo como Soren Kierkegaard, trazendo o capítulo Elogio de Abarão da sua obra *Temor e Tremor* como referencial teórico. Seus escritos são quase sempre ligados à religião e aos anseios existenciais que fizeram de sua vida uma contínua busca de respostas e uma ampla reflexão do cotidiano, do pensamento filosófico, do ser humano e de sua existência.

No primeiro capítulo, o ensino de Filosofia é focado como experiência única e singular, que se estabelece na vida de cada indivíduo disposto a investigá-la, movido pelo desejo de conhecimento. Nesse eterno ensinar e aprender é que a Filosofia se torna companheira nos questionamentos, colaboradora nas descobertas pessoais e auxílio nas questões concernentes à existência humana.

O anseio que move essa pesquisa se traduz na análise do currículo da disciplina de Filosofia no Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira, na qual se destaca a necessidade de se tratar da relação entre fé e razão dentro do programa do curso, afinal, percebe-se a necessidade de abordar esse tema, já que a escola está inserida numa região da cidade de Jequié na Bahia onde existe um número muito expressivo de igrejas. Nesse contexto, encontramos nossos alunos sempre em embates e discursões sobre o assunto nas aulas de Filosofia, e isso motivou-nos no estudo da relação entre fé e razão a partir de uma visão existencialista, respeitando as diversas crenças sem deixar de mergulhar na atitude filosófica e na experiência vivencial de cada um.

Para enriquecer efetivamente esta pesquisa, as obras das filósofas brasileiras Marcia Tiburi, Viviane Mosé e Marilena Chauí foram estudadas, revelando uma prática inovadora para o ensino de Filosofia. E para o trabalho do tema numa visão existencialista, com o foco no ser, é inescapável uma revisita a Heidegger, com sua abordagem do ser-no-mundo e sua importância existencial.

Na extensão deste trabalho ao cotidiano, um tópico foi dedicado à Filosofia pragmática e à sua função de enquadrar a disciplina nas possibilidades e na utilidade da vida. Essa inquietação convida ao estudo das perspectivas de William James, Charles Sanders Peirce, John Dewey, Donald Davidson e Richard Rorty. Avançar nesse pensamento filosófico

requer a observação desse pensamento como convite à revisão da própria existência humana e ao impulso à compreensão do mundo.

Ainda no primeiro capítulo, fez-se necessário o exame das leis, parâmetros, habilidades e competências requeridas pelo ensino de Filosofia no Brasil, socializando o plano de curso da disciplina do Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira, a mesma que se pretende aplicar à proposta aqui defendida, que é trazer um currículo que atenda a filosofia existencialista, sem abandonar outros importantes conteúdos filosóficos, pois notamos uma enorme lacuna em relação a temas existencialistas.

Com a perspectiva de aprimorar a Filosofia dessa unidade escolar e adequar seu ensino ao existencialismo e às luzes da Filosofia de Kierkegaard, é que se constrói o primeiro capítulo deste trabalho.

O segundo capítulo, por outro lado, explora mais claramente a importância do existencialismo de Soren Kierkegaard, considerado por muitos como o pai do existencialismo. Nessa parte do trabalho são analisados sua vida, obras e aspirações. São visitados a história, sonhos, angústias e desespero desse homem que dedicou um olhar à fé e à razão numa dinâmica única.

Em sua obra *Temor e tremor*, ele mostra Abrão como verdadeiro homem de fé, enfrentando adversidades que não o desanimam ao encontro do Absoluto. Esse capítulo se conclui enaltecendo a Filosofia como mediadora de conhecimento, tendo a fé e a razão como coadjuvantes nas aulas de conteúdos filosóficos ao abrir horizontes novos aos alunos.

Concluiremos essa pesquisa com o terceiro capítulo, que apresenta uma análise documental do currículo atual do Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira na cidade de Jequié-BA, alinhando este trabalho a realidade de criar um currículo que atenda a necessidade dos nossos alunos e também do referido Colégio em refletir a Filosofia numa perspectiva existencialista vislumbrando a fé, a razão e outros temas pertinentes, e isso através do filósofo Kierkegaard e alguns filósofos que também refletiram sobre temas existenciais, elaborando assim, um currículo e aplicação do mesmo, atendendo dessa forma, a essa demanda que por inúmeras vezes foi percebida como necessária ao plano de curso da escola.

1 O ENSINO DA FILOSOFIA: UMA EXPERIÊNCIA

Neste primeiro capítulo o objetivo é traçar a importância do ensino e da aprendizagem da Filosofia, destacando, em suas indagações e questionamentos, uma experiência que faz mergulhar na própria existência. Além disso, se propõe a apresentar as orientações curriculares para o ensino de Filosofia, bem como o currículo de Filosofia no Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira, escola escolhida para o estudo de caso.

1.1 O que é Filosofia?

Falar de Filosofia ou sobre ela escrever já é uma experiência única, dada a propriedade desse campo de estudo de conduzir o estudioso a pisar solos novos, desafiadores e abertos à exploração, pois ela constrói um olhar, suscita conceitos e propõe uma visão da realidade. A verdadeira história é edificada com atitude, e a Filosofia convida a essa atitude, à argumentação, à indagação e à reflexão sobre o mundo num contexto que deve ser pensado, questionado, racionalizado, com as potencialidades críticas típicas dessa esfera do conhecimento, porém, sem deixar de lado as normas básicas e lógicas para uma discussão concisa, respeitosa e digna de aceitação.

Podemos dizer que a filosofia se constrói quando os seres humanos começam a exigir provas e justificações racionais que validem ou invalidem as crenças cotidianas. Por que racionais? Por três motivos: porque racional significa argumentado, debatido e compreendido, porque racional significa que, ao argumentar e debater, queremos conhecer as condições e os pressupostos de nossos pensamentos e dos outros, porque racional significa respeitar certas regras de coerência do pensamento para que um argumento tenha sentido. Deste modo, é possível chegar a conclusões que podem ser compreendidas, discutidas, aceitas e respeitadas por outros.¹

Para essa compreensão da experiência filosófica, primeiramente é necessário certo deslocamento frente à existência, percebendo-se nuances e situações antes ignoradas. O segundo passo é o questionamento acerca de sua função e do seu real sentido no mundo.

Nessa indagação existencial, cumpre caminhar e dispor-se a indagações provocadas pela busca de compreensão, formulando questões, tentando ou não respondê-las, mas expondo-se diante do próprio eu e do mundo, provocando situações e reações que levem a descobertas do ser no mundo e do real sentido da experiência fenomenal de viver.

¹ CHAUI, Marilena. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Ática, 2016. p. 21.

Qualquer definição de Filosofia será limitada, pois sua amplitude não permite a elaboração de um conceito pronto e acabado ou de uma definição fechada. Contudo, ao pensar a existência e o ser- no- mundo², convida-se a tal cenário o filósofo Heidegger:

Quando perguntamos: Que é isto – a filosofia? falamos sobre a filosofia. Perguntando dessa maneira, permanecemos no ponto acima da filosofia e isso quer dizer fora dela. Porém, a meta de nossa questão é penetrar na filosofia, demorarmos nela, submeter nosso comportamento às suas leis, quer dizer, filosofar.³

Dessa forma, quando o homem ousa filosofar, chega ao ponto crucial da Filosofia, dispondo-se a penetrar nas suas próprias leis e comportamentos e a se lançar a descobertas existenciais. De acordo com Heidegger, tudo que existe, ou seja, árvores, objetos e o próprio homem, apenas estão presentes sem a noção de existência, mas o homem é dotado de essência e capaz de se questionar quanto ao próprio ser. Dessa maneira, ele afirma: “O ‘Ser’ é o conceito evidente por si mesmo. Em todo conhecimento, proposição ou comportamento com o ente e em todo relacionamento consigo mesmo, faz-se uso do ‘Ser’ e, nesse uso, compreende-se a palavra ‘sem mais’”.⁴

Nessa perspectiva, uma interessante definição de Filosofia passaria pelo reconhecimento do ser humano como ser cheio de possibilidades, e de que a Filosofia remete esse ser a diversas formas de pensar e de ser no mundo.

Malgrado a necessidade de uma elaboração técnica do termo Filosofia, o objetivo central aqui não é simplesmente a elaboração ou redefinição de conceitos da palavra Filosofia, mas sua reflexão em um contexto de ensino e numa visão de trabalho desses questionamentos, com os discentes, no âmbito da fé e da razão.

O ensino de Filosofia, portanto, é desafiador quando a voz daqueles que se permitem filosofar é indispensável. Esse modo de fazer Filosofia deve vir à luz para uma experiência concebível e real de cada um que se deixe guiar pelos próprios pensamentos e compreensão do mundo.

A filosofia pode realizar-se de muitos modos. O importante, o que primeiro precisamos saber, é que ela é a aventura do pensamento que não se deixa contentar com o mundo tal como ele está disponível a nós. Por isso, a filosofia é viagem, dirão tantos, mas, sobretudo, ela começa com o passeio, caminho lúdico e sem pretensões em que o olhar simplesmente vê. Quando o olhar se torna atentamente curioso e quer ultrapassar os muros, quer saber o que há além da rua e, mais além, o além do

² Um ser que não é abstrato ou uma mera condição animal, mas um ser em situação, engajado numa historicidade e aberto às relações. CARRASCO, *O que significa ser-no-mundo?* Disponível em: <<http://www.existo.site/2017/07/ser-no-mundo.html>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

⁴ HEIDEGGER, Martin. *Que é isto: Filosofia?* São Paulo: Vitor Cevita, 1973. p. 211.

horizonte, então, a filosofia implantou-se com raízes como busca do ver mais além. O argumento, uma elaboração de linguagem que visa a expor um sentido, é como sapatos para o filósofo que busca reconhecer seu próprio caminho.⁵

Nesse intuito, a Filosofia aqui buscada não se restringe aos filósofos clássicos, mas estende-se ao cotidiano, da experiência e visão dos problemas que assolam os seres humanos.

Nessa linha de pensamento, Heidegger explora o ser do ente: “Não encontramos a resposta à questão, que é a filosofia, através de enunciados históricos sobre as definições da filosofia, mas através do diálogo com aquilo que se nos transmitiu como ser-do-ente”⁶. Assim, no diálogo que busca o conhecimento e de acordo com tudo já transmitido na história, impõe-se o verdadeiro embate com as questões já refletidas, sem fechamento em si mesmo, mas aberto a esse ser posicionado no mundo.

Todavia, é inegável a importância de cada filósofo, e não se desconsidera a reflexão sobre uma Filosofia consciente, madura e alicerçada nas pesquisas que apresentaram um mundo passível de ser pensado, questionado e refletido, conferindo o suporte para o pensamento da filosofia como argumentativa e respeitada.

Por conta dessa afinidade que todos temos com a filosofia, parece claro que seria proveitoso sabermos um pouco como os filósofos se posicionam a respeito de determinados temas. Desde modo, você poderá enriquecer sua reflexão pessoal por meio de uma argumentação mais rigorosa, o que não significa sempre concordar com eles. Muito pelo contrário, a discussão filosófica está sempre aberta a controvérsias.⁷

É essa experiência que alguns filósofos têm proposto nos últimos anos, principalmente aqui no Brasil, por meio das escritoras e filósofas Márcia Tiburi e Viviane Mosé, que apresentam um novo e encantador jeito de ler, falar e argumentar sobre Filosofia, com temas atuais que instigam o indivíduo e tratam da vida, da existência e da contribuição que se pode oferecer ao mundo.

Almeja-se, assim, uma Filosofia possível e útil no processo que leva alguém a se tornar pessoa e elaborar no seu pensamento as possibilidades do ser, definindo o mundo e não deixando que ele seja definido somente pelo outro, e pensar o ser não somente pelo que vemos, mas considerar a existência de um mundo repleto de ações e reações, no qual se pode participar ativamente de um processo contínuo e amplo.

⁵ TIBURI, Marcia. *Filosofia em Comum*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 182-183.

⁶ HEIDEGGER, 1973, p. 218.

⁷ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2009. p. 16.

A filosofia não inicia sem uma profunda sensação de solidão. É o pensar que a carrega. Pensar em nada é a primeira noção que tenho do pensar. Eu só consigo mesmo e o mundo ainda indisponível. Penso em nada e sou eu mesmo esse nada ainda não descoberto como tal. Mas me sei, quando procuro meus pensamentos, me chamo como um bebê chamaria a mãe, um crente chamaria Deus. O modo como penso é a maior relação do que sou para mim mesmo.⁸

Dito isso, deve-se experimentar a liberdade ao lecionar a Filosofia e sua experimentação, deixando aflorar ideias, conceitos e termos, com a certeza de que o pensamento comporá o mundo e este, acrescido do pensamento, se amplificará em argumentações, significação e questionamentos, numa atitude de busca do sentido.

Dessa forma, ver-se-á como o ensino-aprendizagem na Filosofia pode conduzir a questionamento e a descobertas.

1.1.1 *Aprender e ensinar a filosofar*

Como afirma Kant, numa frase ressaltada por Baldan, “não se ensina filosofia, se ensina a filosofar”,⁹ o que na verdade descreve o ensino de Filosofia no âmbito escolar. Aprender e ensinar Filosofia é pensar a realidade, a vida e a existência; aprender e ensinar Filosofia é aprender e ensinar a filosofar, a indagar e argumentar sobre tudo.

Para o melhor aprendizado da Filosofia, devem-se encontrar sistematicamente os pensadores, conhecer suas ideias e conceitos para, dessa forma, analisar seus argumentos, questionar seus pensamentos e trazer seu conteúdo para a nossa realidade. É assim que se aprende e se ensina Filosofia, permitindo-se a si mesmo e ao outro essa tarefa.

Esse aprendizado para o filosofar, não para a filosofia pronta e acabada, significa uma transformação da experiência imediatamente vivida e contextualizada em experiência compreendida e interpretada/refletida, enfim, em experiência do pensamento que supera os limites da experiência imediata testemunhada por nossas consciências dogmáticas e ingênuas, alcançando um nível de reflexão que nos permite, além de compreender nosso contexto, encontrar a gênese de seu sentido e o fundamento do que pensamos, queremos, fazemos e falamos.¹⁰

⁸ TIBURI, 2008, p. 55.

⁹ BALDAN, André Santiago; SANTOS, Genivaldo de Souza. A possibilidade do ensino de filosofia: uma visão a partir de Kant e Hegel. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 2013, Curitiba. *Anais...* Curitiba. P. 15188-15199. Disponível em: <https://updoc.site/download/a-possibilidade-do-ensino-de-filosofia-uma-visao-a_pdf>. Acesso em: 28 jul. 2018.

¹⁰ FERREIRA JUNIOR, Wanderley J. Ensinar e aprender a filosofar: reflexões. *Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação*. Natal – RN, v. 2, n. esp, p. 35-51, 2011. p. 40. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/1089>>. Acesso em: 16 out. 2017.

O professor deve estar munido de um aprendizado no qual reconheça o potencial de cada aluno e saiba também que cada um deles traz sua experiência de vida. Para isso, o professor precisa respeitar cada tempo e cada contexto, de modo a conduzir sabiamente o aluno ao pensar.

Entretanto, segundo Fogel, o discípulo não se sente tão seguro como o mestre, que já experimentou diversas situações e contextos, desconhecidos daquele.

Evidentemente o discípulo é discípulo porque sabe menos, porque recebeu menos, porque aprendeu menos. É verdade que o mestre pode ser visto como menos seguro que o discípulo porque ele, sabendo mais, podendo ver mais abordagens, mais possibilidades, mais enfoques teóricos, se torna menos 'dogmático', isto é, mais cético ou mais crítico frente a afirmações ou posturas incisivas, porém 'ingênuas', de discípulos que ainda não podem ver tantos enfoques, tantas abordagens, alternativas e possibilidades – talvez contradições e oposições. Mas este 'menos seguro' do mestre é na verdade uma super-potencialização ou uma super-dimensionalização do saber e do 'saber mais', pois tal 'insegurança' cresce e se faz desde o 'saber mais' e como o 'saber mais' do mestre.¹¹

Certamente o discípulo deve estar atento ao mestre para compreender e aprender. Deixando-se encantar pelo mestre, o discípulo pode dar importantes passos para o conhecimento.

Em um sentido amplo, a análise das palavras ensinar e aprender revela que ensinar significa transmitir conhecimentos, instruir, lecionar, admoestar. Ensinar vai além de uma simples exposição de conhecimento. A exposição oral e escrita não basta para ensinar, dado que a palavra tem limites, pois o percurso do ensino envolve discursos, textos e experiências.

Mas, o que é realmente aprender? De modo geral aprender é passar a ter conhecimento de algo, instruir-se e dedicar-se a compreender algo. O aprendizado deve ser uma busca constante, pois o ensino-aprendizado deve permear toda a vida e nunca se esgotará. Num sentido filosófico, significa predispor-se a criticar e refletir sobre as diversas questões impostas pela vida.

Ensinar filosofia significa, entre outras coisas, um determinado conjunto de pressupostos sobre o que deve ser a filosofia e o que deve ser ensinado. Por princípio determina qual a boa filosofia a ser aprendida. Significa ensinar uma crítica legítima sobre o mundo. Reflete um conflito entre os interesses dele e o do aluno. Por fim, ensinar filosofia é um objeto de disputa social interna às esferas filosóficas e escolares sobre a melhor filosofia, sobre os filósofos mais legítimos e

¹¹ FOGEL, Gilvan. Seminário de Heráclito: Introdução. *Kléos*, n.1, p. 89-111, 1997. p. 91. Disponível em: <<http://www.pragma.ifcs.ufjf.br/kleos/K1/scan/GilvanFogel.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

sobre a melhor maneira de se pensar. É a disputa pela representação de mundo mais legítima e da crítica autorizada e reconhecida como tal.¹²

Assim, e com o anseio de chegar ao pensamento que nos aponte a melhor forma de aprender a filosofar é que se quer conduzir a reflexão sobre o máximo de conhecimento de tudo que cause inquietação, problematizando a fé, e tanto nela quanto na razão, vislumbrar uma maneira de encontrar sentido para a existência. É essencial partir nessa viagem de conhecimento e busca, guiado por esse olhar cognitivo para esses novos horizontes a que a Filosofia permite chegar.

Em paralelo com tais indagações, seguem outras: o que realmente a Filosofia quer dizer? Como se chega à compreensão da existência a partir dela? Como o ensino-aprendizagem no ensino médio pela Filosofia pode contribuir? Como compreender a experiência filosófica, a fé e a razão na perspectiva da Filosofia existencialista de Kierkegaard, no seu texto “Elogio de Abraão” da obra *Temor e tremor*? Como trazer a Filosofia para o cotidiano e encetar sua reflexão de maneira lúdica em uma sala de aula de ensino médio?

Conhece-se as dificuldades de se alcançar um plano de curso na Filosofia do ensino médio que contemple uma reflexão mais profunda do existencialismo. A percepção dessa lacuna, particularmente na escola em análise, é que leva à elaboração de um currículo que atenda essa necessidade, trazendo à baila temas como fé e razão no contexto existencialista de Soren Kierkegaard.

Quando se analisa a fé de Abraão, definida como absurdo na obra *Temor e tremor*, observa-se que Kierkegaard não intenta substituir a razão pela fé, mas demonstrar que a razão é impotente para abranger tudo o que existe, pertencendo ambas a esferas diferentes.

Todavia, a fé instala-se no absurdo e lança o sujeito no paradoxo de que a razão, na sua máxima compreensão, não consegue conceber a fé, pois esta não se enquadra nas regras e condições estabelecidas pela racionalidade. Por isso, Kierkegaard afirma: “[...] paradoxo capaz de transformar um crime em ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão seu filho, paradoxo que não pode ser reduzido a qualquer raciocínio, pois a fé principia exatamente onde termina a razão”.¹³

¹² MEUCCI, Arthur; BARRO FILHO, Clóvis de. O que “Ensinar Filosofia” quer dizer? *Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação – RESAFE*, n. 13, p. 76-92, 2010. p. 90. Disponível em: <periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/download/5309/4424>. Acesso em: 20 out. 2017.

¹³ KIERKEGAARD, S.A. *Temor e Tremor*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 61.

Acredita-se que a Filosofia pragmática será de grande ajuda na compreensão desse pensar filosófico. Esse pensamento é articulado, enquadrado e inserido no cotidiano possível de cada pessoa e de sua história. A seguir, o olhar será dirigido à Filosofia pragmática e ao seu convite a vivenciar as ações humanas na concretude do cotidiano.

1.1.2 *Filosofia Pragmática*

O trato da Filosofia dentro de uma visão existencial não poderia deixar de lado um tópico essencial referente ao pragmatismo, ou seja, a Filosofia prática. O pragmatismo constitui uma escola de Filosofia, com origem nos Estados Unidos e caracterizada pelas ações humanas focadas no sentido prático e utilitário da vida. Em termos gerais, trata-se de uma filosofia para a vida e uma vida na Filosofia.

William James foi o primeiro filósofo que registrou o uso do termo em 1898, creditando a autoria a Charles Sanders Peirce. O termo pragmatismo passou a ser usado por Peirce, a partir do ano de 1905, para nomear sua filosofia. Ele alterou o termo original, pragmatismo, pois os jornais literários o usavam de maneira desaprovada pelo autor.¹⁴

Interessante é perceber que a Filosofia pode se inserir no cotidiano de cada indivíduo, seja nas praças, nas escolas e nos afazeres diários. Mesmo um morador de rua pode muito falar da vida e de como ela deve ou pode ser refletida e alinhada com uma reflexão prática e também desafiadora. A Filosofia não pode se dissociar das mazelas da vida, mas deve se imiscuir na vivência prática do dia a dia.

Para chegar a essa filosofia Prática precisamos pensar na tangibilidade das coisas que são experimentadas. O mundo concreto é o que desejo pra uma filosofia prática. Precisamos, para isso, partir de uma conceituação da ética que nos permite uma aproximação com nosso pensamento menos ocupado em filosofar, aquele modo de pensar que, instalado no cotidiano como um animal em repouso, chamamos tantas vezes de senso comum. O senso comum é justamente o modo de ser do pensamento no cotidiano.¹⁵

É necessário estar atento ao mundo, com seus sinais, símbolos, crenças, significados e signos. Seria muito produtivo perceber as ações e hábitos individuais, além do ser pessoa no entrelaçamento dessa trajetória humana existencial, com a clareza da necessidade de todos na

¹⁴ PETRIN, Natália. *Pragmatismo*. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/pragmatismo>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

¹⁵ TIBURI, Marcia. *Filosofia Prática: ética, vida cotidiana, vida virtual*. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 18.

construção desse espaço possível, que são as relações e os quereres, os questionamentos e envolvimento na praticidade da experimentação almejada.

O pragmatismo enquanto método lógico – método de pensamento – é livre dessa determinação empregada à ciência que tenta enquadrar os seus resultados a campos teóricos pré-moldados. Sendo o pragmatismo um método lógico de análise dos conceitos, seu único objetivo é tornar nossas ideias claras, a partir daquilo com que estamos em contato a todo tempo, a partir dos significados que afetam a nossa conduta. A essa exigência inicial do pragmatismo, cabe admitir que haja então um objeto que possa ser pensado e que exista de fato – ou seja, um mundo para fora do interpretante.¹⁶

Dessa forma, a Filosofia prática será possível no momento em que o sujeito se despir de todos os pré-conceitos e se deixar levar pelo pensamento interpretativo, questionador, reflexivo e cheio de novas perspectivas em torno do cotidiano.

O que normalmente pareceria banal poderá resultar em frutuosa descoberta se o encantamento do fazer das crenças, signos e significados, bem como das novas ressignificações do mundo, possibilitar abraçar o cotidiano com um olhar novo. Pensamentos conduzirão a ações que remeterão a novos pensamentos e novas ações, e nesse dialético trajeto não só se cursa a Filosofia como – mais importante – se aprende a filosofar. Peirce enfatiza a eficácia do pensamento de alteração da conduta e mudança da realidade:

O pragmatismo é uma doutrina correta apenas na medida em que se reconhece que a ação material é o mero aspecto exterior das ideias [...] Mas o fim do pensamento é a ação na medida em que o fim da ação é outro pensamento, [e] [...] das duas implicações do pragmatismo, de que os conceitos são dotados de propósito e que seus significados residem em suas concebíveis consequências práticas, a primeira é a mais fundamental. Penso, não obstante, que a doutrina seria suficientemente *estropiada* sem o último ponto. Por ‘prático’ quero dizer apto a afetar a conduta; e por ‘conduta’, ação voluntária que é autocontrolada, ou seja, controlada por deliberação adequada.¹⁷

Já William James, em sua obra *Pragmatismo*, afirma que a verdadeira crença deve estar alinhada com os propósitos humanos e funcionar na prática, trazendo benefícios no jogo da vida

Uma crença verdadeira, portanto, é aquela que atende aos nossos propósitos, que funciona na prática, em nosso cotidiano, e que nos traz benefícios, que nos permite continuar atuando no jogo do viver. Logo, verdade é algo mutável e pluralista:

¹⁶ COSTA, Paulo Henrique Silva; SILVA, Mariluze Ferreira de Andrade. O método pragmático de Charles S. Peirce. *Μετάνοια*, n.13, p. 19-32, 2011. p. 29. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/revistalable>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

¹⁷ PERCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995. p. 293.

verdadeiro é o nome do que quer que prove ser bom no sentido da crença, e bom, também, por razões fundamentadas e definidas.¹⁸

Fica evidente, tanto em William James como em Charles Sanders Peirce, que a verdade do cotidiano da vida reside em tornar o homem atento ao propósito que cada indivíduo tende a traçar, respeitando limites, pensamento, condutas e ações.

Nessa Filosofia pragmática, além de William James e de Charles Sanders Peirce, outros pensadores se destacam, como John Dewey, Donald Davidson e Richard Rorty.

Em Dewey, por exemplo, observa-se uma prática filosófica ligada à instrumentalização para a resolução inteligente de problemas:

A reconstrução na filosofia irá considerar a inteligência não como a modeladora original ou causa final das coisas, mas como a reformuladora vigorosa dotada de propósito daquelas fases da natureza e da vida que obstruem o bem-estar social. Ela observa o indivíduo não como um ego exageradamente auto-suficiente que por meio de alguma mágica cria o mundo, mas como o agente que é responsável, através da iniciativa, inventividade e trabalho inteligentemente direcionado, pela recriação do mundo, transformando-o em instrumento e propriedade da inteligência (tradução nossa).¹⁹

Dessa maneira, segundo Dewey, o indivíduo recria seu mundo e o transforma. Destarte, a Filosofia é também uma forma de se refazer e se reconstruir.

Já a Filosofia de Davidson assume uma ação de concretude na linguagem e em um pensamento voltado não somente à interpretação da vida, mas também à coerência com o próprio pensamento do sujeito. Por isso, para Ghiraldelli Júnior, ler Davidson é um aprendizado.

Ler Davidson nos dá não somente a possibilidade de aprendizado de uma nova filosofia. É também um encontro com autênticas soluções para impasses filosóficos consagrados. Trata-se de uma boa oportunidade para se envolver com um treinamento em filosofia contemporânea – um treinamento para se viver no século XXI. No novo século, a boa filosofia estará cada vez mais envolta com a cultura contemporânea, isto é, relacionando-se com as artes e as ciências indistintamente – ação, linguagem e pensamento, e problemas atinentes ao relativismo (em menor escala, ao ceticismo), se abordados satisfatoriamente, darão a ponte entre a filosofia contemporânea e os vários outros discursos dos vários campos culturais.²⁰

¹⁸ JAMES, William. *Pragmatismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 28.

¹⁹ Reconstruction in philosophy will regard intelligence not as the original modeler or final cause of things, but as the purposeful vigorous reformulator of those phases of nature and life that obstruct social welfare. She observes the individual not as an exaggeratedly self-sufficient ego who through some magic creates the world, but as the agent who is responsible, through initiative, inventiveness, and cleverly directed work, by the re-creation of the world, transforming it into an instrument and property of intelligence. DEWEY, John. *Reconstruction in philosophy*. New York: Mentor, 1950. p. 61.

²⁰ GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *Para compreender a filosofia de Donald Davidson*. 2007. p. 16. Disponível em: <<https://ghiraldelli.files.wordpress.com>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

Como aponta Ghiraldelli Júnior, Davidson transita numa Filosofia envolvida com linguagens contemporâneas e capaz de discorrer sobre vários setores da vida, da arte, da cultura e do pensamento, ensejando um diálogo ou discurso cuja potência pode abranger territórios variados.

Todavia a ênfase na história marca o pragmatismo de Rorty e registra seu posicionamento diante da temporalidade, pondo em questão a cultura americana e sua intelectualidade, na medida em que auxilia na observação das práticas no seu tempo e no espaço que lhe concerne. Dessa maneira diferencial e categórica, ele chama a atenção para uma Filosofia útil e enraizada nos problemas da vida.

Eu deveria falar, como fiz algumas vezes, de ‘pseudoproblema’, mas de problemáticas e vocabulários que teriam de provar ser de algum valor, mas na verdade não o fizeram. Eu não deveria ter falado de distinções filosóficas ‘irreais’ ou ‘confusas’, mas de distinções cujo emprego não tem levado a lugar nenhum, distinções que não valem os problemas que trazem. Para os pragmatistas a questão deveria ser sempre. ‘Qual a utilidade disso?’, em lugar de ‘Isso é real?’.²¹

Todo esse arcabouço teórico estimula a que se pense uma Filosofia analisada, refletida e questionada no âmbito de um processo prático e cotidiano, o que se mostra plenamente possível diante de todo esse enfoque pragmático, inserido no contexto da existência individual, possibilitando não só conhecer a filosofia e seus filósofos, mas apontando a viabilidade de se fazer Filosofia ante aos desafios diários a que ninguém consegue se furtar.

O pragmatismo não pretende definir os equivalentes fenomenais das palavras e das ideias gerais, mas, pelo contrário, elimina o elemento sensório destas e tenta definir o propósito racional, e isto ele descobre na conduta utilitária da palavra ou proposição em questão.²²

Percebe-se que os pragmáticos geralmente defendem a importância do pensamento medido por sua utilidade ou eficácia, que lide com os problemas e busque sua solução mediante a reflexão. Mas ainda que tais ideias se mostrem válidas, são insuficientes a menos que estabeleçam novas ideias e questionamentos e possibilitem uma ação concreta de transformação de vida.

²¹ RORTY, Richard. *Verdade e progresso*. São Paulo: Manole, 2005. p. 39.

²² PEIRCE, 1995, p. 293.

Norteados por essa Filosofia que convida à praticidade, o próximo tópico pretende inserir essas características na proposição da vida construtiva, de modo a reexaminar a importância da razão nesse percurso existencial.

1.2 Repensar um Currículo de Filosofia para o Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira

O Colégio Professor Firmo Nunes de Oliveira está situado numa região periférica da cidade de Jequié-BA e não diferente de inúmeras escolas do sistema público tem muitos entraves e situações que vêm de encontro aos nossos alunos.

Enfrentamos a violência, as drogas, desemprego e outros fatores de vulnerabilidade, porém, dispomos de uma equipe gestoras, de professores e equipe de apoio muito confiantes e cheios de esperança, e é nessa perspectiva que caminhamos e acreditamos em cada aluno que recebemos, pois, nos sentimos responsáveis por cada um deles.

Contudo, é nesse mesmo ambiente que também encontramos diversas crenças religiosas, e sempre nas aulas de Filosofia nos deparamos falando racionalmente de fé e contextualizando-a com a história e existência de cada um nesse processo. Foi com essas observações e com os discursos em sala de aula que notamos a necessidade de incluir no currículo da escola um discurso entre fé, razão e existencialismo, pois, poderíamos falar dos problemas da vida com o olhar sábio da Filosofia, dos filósofos e em especial Soren Kierkegaard que experienciou fatos e situações que são relevantes para a reflexão existencialista.

Estas e outras questões não se fazem novidade em educação e principalmente no que diz respeito ao ensino de filosofia, que hoje é parte do currículo do Ensino Médio em caráter obrigatório. Entretanto, é de suma importância que estejamos sempre prontos a buscar novas alternativas, questionamentos e repostas sobre as possibilidades da construção de um currículo mais articulado com a realidade do aluno. Pois assim como o mundo evolui, a educação e o ensino de filosofia deve também acompanhar essas mudanças e evoluções, a fim de se tornar mais presente, mais palpável e mais 'utilizável' no dia a dia de quem a aprende e de quem ensina.²³

Dessa forma, para articularmos e documentarmos essa necessidade de um estudo mais profundo sobre essas questões existenciais ligadas a Filosofia é que nos dois tópicos seguintes

²³ MORAES, Simone Becher Araujo. *Ensino de filosofia: currículo, realidade de contexto e formação de professores*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/download/28262/pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

iremos abordar as orientações curriculares para o ensino de Filosofia, abordando, visitando e revisitando as leis que assistem essa disciplina e sua aplicação em sala de aula, apresentamos o Currículo que é adotado pela escola e propondo um currículo para o Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira que atenda os anseios discutidos em sala no que se refere a razão existenciais refletindo-o de forma filosófica.

1.2.1 *Orientações curriculares para o ensino de Filosofia*

No Brasil, a Filosofia lutou durante muito tempo por seu espaço e o merecido reconhecimento de ser ministrada obrigatoriamente como disciplina no currículo do ensino médio. Sempre enfrentou dificuldades, reivindicando sua presença por meio das leis educacionais que regem o país, destacando sua contribuição na reflexão e no senso crítico, norteando um pensamento propositivo de mudanças.

Antes e depois do regime militar, muitos educadores e filósofos mobilizaram-se pela volta da Filosofia ao ensino secundário (atual ensino médio). Essas mobilizações resultaram no artigo 36 da Lei nº 9394/1996, que determinava um tanto vagamente que, ao fim do ensino médio, os estudantes deveriam ter “o domínio dos conhecimentos de filosofia e sociologia necessários ao exercício da cidadania.”²⁴

Ao longo dos anos, a discussão do retorno da Filosofia ao ensino médio e do seu estabelecimento dos parâmetros curriculares para o ensino dessa disciplina seria sempre um desafio tripartite: primeiramente, era preciso pensar um ensino de Filosofia capaz de desempenhar papel efetivo na vida concreta dos educandos; em segundo lugar, esse ensino deveria respeitar as características e as complexidades inerentes à tradição filosófica como repertório de ideias; e por fim, essa conquista deveria atender às demandas educacionais trazidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), pelas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (DCNEM) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Somente em 2008, com a alteração da LDB (Lei nº 9394/1996), a Filosofia foi incluída como disciplina obrigatória no ensino médio, num momento histórico para o ensino, os educadores e todos os docentes dessa área.

²⁴ LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL - LDB. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

No dia 2 de julho de 2008, o presidente da República em exercício, José Alencar, sancionou a lei que torna obrigatório o ensino de filosofia e sociologia nas escolas públicas e privadas de nível médio. Trinta anos após ser eliminada desse nível de ensino, a filosofia retorna a ele como disciplina obrigatória em âmbito nacional, com lugar garantido por força de lei. Sua reinserção no currículo de nível médio já vinha se processando desde 1980, mas em caráter muito precário e instável, na medida em que ficava na dependência de recomendação das Secretarias Estaduais de Educação e da opção dos diretores de escola.²⁵

Assim, a Filosofia foi sintonizada com a educação adotada no país e articulada com as exigências da legislação, mostrando-se atenta às DCNEM:

Nos dias atuais, a inquietação das 'juventudes' que buscam a escola e o trabalho resulta mais evidente do que no passado. O aprendizado dos conhecimentos escolares tem significados diferentes conforme a realidade do estudante. Vários movimentos sinalizam no sentido de que a escola precisa ser repensada para responder aos desafios colocados pelos jovens. Para responder a esses desafios, é preciso, além da reorganização curricular e da formulação de diretrizes filosóficas e sociológicas para essa etapa de ensino, reconhecer as reais condições dos recursos humanos, materiais e financeiros das redes escolares públicas em nosso país, que ainda não atendem na sua totalidade às condições ideais.²⁶

A realocação da Filosofia como disciplina obrigatória no ensino médio, dessa vez com força da lei, exigiu pensá-la a partir de três pontos de vista, entre outros: do educador, que enfrenta as dificuldades do ofício de articulador do pensamento dentro de um sistema educacional deficiente; do educando, chamado pela Filosofia a ser pessoa livre, autônoma e cidadã, bem como sujeito da própria história e escolhas; e da lei, segundo a qual as habilidades e competências da disciplina devem ser desenvolvidas dentro dos parâmetros.

A sociedade vigente valoriza o capital em detrimento do conhecimento, razão pela qual a Filosofia foi relegada a plano secundário, como disciplina desnecessária, como afirma Cavalcante:

Criou-se então um sistema educacional para dar suporte ao industrialismo e ao capitalismo. Nesse sistema existe uma hierarquia, no qual eles valorizam primeiramente matérias como matemática e línguas, depois as matérias que condizem com a área de humanas e por último as artes, que englobam pintura, música, teatro e dança. Essa hierarquia apoia a ideia de que devemos aprender e ser condicionados ao trabalho e isso dificulta mais ainda o ensino de Filosofia, uma vez que nossa sociedade é pautada nos moldes imediatistas, portanto, tecnicista.²⁷

²⁵ RODRIGO, Lídia Maria. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 1.

²⁶ DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO - DCNEM. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

²⁷ CAVALCANTE, Karoline Feitosa. *A problemática do ensino de filosofia: desafios e dificuldades do ensino Filosófico*. Ceará, 15 mai. 2011. Disponível em: <<http://filopensante.blogspot.com/2011/05/problematika-do-ensino-de-filosofia.html>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

Portanto, criou-se um sistema educacional para atender a indústria, com métodos a serviço de um mercado, sem abertura a todos os saberes e reflexões. Quanto aos PCNs, são indicativos de competências e habilidades a ser aplicadas à Filosofia:

Competências e habilidades a serem desenvolvidas em Filosofia: • Representação e comunicação • Ler textos filosóficos de modo significativo. • Ler, de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros. • Elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo. • Debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição face a argumentos mais consistentes. Investigação e compreensão • Articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas Ciências Naturais e Humanas, nas Artes e em outras produções culturais. Contextualização sócio-cultural • Contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica, quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica²⁸.

É importante salientar o destaque conferido à leitura dos textos filosóficos, ao debate e à contextualização social, pois do contrário a disciplina se dissociaria da vida, em vez de, pragmaticamente, contribuir para a praticidade e a história de cada sujeito. Cumpre, no entanto, definir o que, de fato, são as competências e habilidades indispensáveis ao pensamento filosófico:

Competência é a capacidade que as pessoas desenvolvem de articular, relacionar os diferentes saberes, conhecimentos, atitudes e valores, construídos por intermédio de sua vivência e por meio dos conhecimentos construídos na escola. Essa articulação e relação se constroem a partir das necessidades da vida diária, das emoções e do enfrentamento das situações desafiadoras com as quais temos que dialogar. A competência implica, portanto, em operacionalizar conhecimentos, atitudes e valores. É uma ação cognitiva, afetiva, social que se torna visível em práticas e ações que se exercem sobre o conhecimento, sobre o outro e sobre a realidade.²⁹

Certamente as competências ajudam no processo de aprendizagem, haja vista sua relação com a formação frente ao conhecimento. Porém, as competências não se referenciam sozinhas no ensino, necessitando do auxílio de habilidades específicas, que encaminharão o aluno no âmbito de determinada competência:

As habilidades, ou o saber-fazer, são os componentes da competência explicitáveis na ação. Figura polêmica das discussões sobre a teoria das competências, ela é um híbrido de recurso e resultado. Em outras palavras, quando as capacidades são colocadas a serviço da ação, competências são desenvolvidas e se tornam

²⁸ PARÂMETROS CURRICULARES DA EDUCAÇÃO NACIONAL - PCNs. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

²⁹ CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. *Competências e habilidades: da proposta à prática*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 29.

aprendizados interiorizados pelos sujeitos. Essas competências consolidadas como aprendizados profundos passam a fazer parte da estrutura de pensamento e de ação dos sujeitos, na forma como Bourdier e também Perrenoud chamam de *habitus*. Ao mesmo tempo, essas habilidades são mobilizadas pelas capacidades junto com os saberes e o saber-se para se constituírem novas competências. Pelo fato de as habilidades serem a dimensão mais explicável da competência, são elas que, normalmente, tornam-se indicadores de desempenho com vistas à avaliação do desenvolvimento da competência prevista.³⁰

As competências e habilidades, quando bem estruturadas no currículo, poderão oportunizar uma melhor adequação dos conteúdos propostos para cada série do ensino médio, orientando a ação docente e as possíveis atividades capazes de contemplar as exigências de um ensino da Filosofia voltado ao diálogo, à reflexão e ao senso crítico.

Acreditamos que a LDB, as DCNEM e os PCNs trouxeram conquistas para a Filosofia no ensino médio, abrindo novas possibilidades e horizontes à compreensão dessa disciplina e orientando passos firmes na abordagem de temas filosóficos ao articulá-los e trazê-los à vida prática.

Entretanto, foi homologada no final do ano de 2018 a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que trará mudanças significativas para a disciplina em análise. A Filosofia ficará integrada dentro das Ciências Humanas e Sociais aplicadas juntamente como as disciplinas de Sociologia, História e Geografia.

Em certo sentido, é preciso dizer, a partir da BNCC houve um enorme retrocesso no que se refere à Filosofia, afinal, a mesma não terá a liberdade de trabalhar temas absolutamente referentes aos seus conteúdos se não estiverem inseridos nas propostas das outras disciplinas que se encontram integradas no processo de articulação curricular. O MEC em seu texto final da BNCC nos resume a lei como:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).³¹

³⁰ CRUZ, 2010, p. 49-50.

³¹ BNCC, Base Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2018.

Como o texto salienta, é necessário que se busque dentro desse novo círculo educacional uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática, mas, de alguma forma isso pressupõe líderes políticos que lutem para que essas formas de mudanças possam vir através de mais investimentos e de uma maior preocupação, não somente na formulação de leis, mas, no cumprimento fiel das mesmas.

Com o olhar voltado para BNCC, é importante observar o que ela nos orienta no sentido de competências específicas a serem seguidas nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e, nesse sentido, para a disciplina de Filosofia que se instala nessa nova concepção.

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica, analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações, analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global, analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades, identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos, participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.³²

Pode-se argumentar que a BNCC não considerou adequadamente a especificidade de cada disciplina, todavia, ainda assim é possível adequar a realidade da disciplina de Filosofia a esse novo desafio. Por outro lado, não se pode deixar que o pensamento crítico seja podado dentro do processo de educação que a lei chama de democrática.

Tendo em vista a importância da disciplina Filosofia no currículo escolar, se faz necessário, no âmbito deste trabalho, que se examine sua aplicação no primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual professor Firmo Nunes de Oliveira, na cidade de Jequié, na Bahia, tendo em vista a observação de conteúdos de cunho existencialista, articulando fé, razão e vivência, à luz do pensamento de Kierkegaard.

³² BNCC, Base Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2018.

1.2.2 O currículo de Filosofia no Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira

O objetivo desta etapa da pesquisa é observar o currículo de Filosofia aplicado ao aluno do 1º ano do ensino médio do Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira, lamentando de antemão que não se verificou nesse estabelecimento uma abordagem dentro dos parâmetros do existencialismo, carência essa apresentada documentalmente no quadro do plano de curso apresentada no final desse capítulo. Tendo em vista a lacuna deixada pela falta desse enfoque, aceita-se aqui o desafio que será alinhar o conteúdo da disciplina ao perfil existencialista.

Este trabalho se concluirá com a inserção da disciplina num enfoque existencialista, de modo que os alunos, além de refletir sobre a Filosofia e sua história em sala de aula, analisem o próprio cotidiano e a importância de seu ser para o mundo.

Cumpra antes compreender o que é um currículo e sua função dentro do processo de ensino e aprendizagem, bem como a possibilidade de sua adaptação à realidade da comunidade escolar em que os alunos estão inseridos.

Uma proposta de currículo e uma organização escolar preocupadas com a participação do aluno na vida social, com a sua sobrevivência, com a sensibilização e o respeito às suas raízes deve vir acompanhada da intenção clara e definida dos educadores e educandos que vivenciam as experiências na escola de transformar as circunstâncias atuais. E isso significa um currículo que parta das preocupações humanas profunda e amplamente sentidas, mas que apresente alternativas de aprendizado, de destrezas e conhecimentos que facilitem a capacidade coletiva de intervir nesse mundo e reconstruí-lo.³³

O currículo ou plano de curso norteia o professor, o aluno e a disciplina, encaminhando-os aos temas propostos. Por isso, somente um currículo realmente atinente às questões cujo trato é indispensável permite compreender todo o histórico da disciplina, permanecendo engajado e articulado com a vida do aluno em sala de aula, de modo a despertar seu interesse, sua compreensão e sua real participação. Como se trata do ensino de Filosofia, esse currículo deve instigar o senso crítico e reflexivo diante da realidade do estudante.

Desenvolver no estudante o senso crítico, que implica a superação das concepções ingênuas e superficiais sobre os homens, a sociedade e a natureza, concepções estas forjadas pela “ideologia” social dominante. Para isso, é necessário que o ensino da

³³ SILVA, Maria Aparecida da. *Currículo e projeto pedagógico: da impossibilidade de refletir sobre um sem refletir sobre o outro*. Disponível em: <<http://www.pbh.gov.br/smed/cape/artigos/textos/maria.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

Filosofia estimule o desenvolvimento da reflexão do estudante e forneça-lhe um conjunto de informações sobre reflexões já desenvolvidas na história do pensamento filosófico. O resultado desse processo é a ampliação da consciência reflexiva do estudante, voltada para dois setores fundamentais: a consciência de si mesmo: crítica de si próprio enquanto pessoa e de seu papel individual e social (autocrítica); a consciência do mundo: compreensão do mundo natural e social e de suas possibilidades de mudança.³⁴

Tomando aqui como objeto de estudo o currículo do Colégio Estadual Professor Firmo de Oliveira, observa-se a necessidade de ajustes no que tange à necessidade de trazê-lo à realidade existencial e também da comunidade escolar, inserindo-lhe a reflexão sobre temas existenciais e práticos, sem negligenciar a História da Filosofia e dos filósofos, e muito menos deixar de despertar a cumplicidade de cada aluno, trazendo à tona suas habilidades, possibilidades e criticidade.

Neste primeiro capítulo buscou-se uma sintonia com o ambiente filosófico e seus conceitos, de modo a permitir uma perspectiva do seu ensino, leis e possibilidades. Todavia, já se introduziu no eixo desta pesquisa a apresentação do ensino de Filosofia numa ótica existencial e curricular, voltada ao 1º ano do ensino médio, recorrendo-se a Soren Kierkegaard, filósofo em cujas ideias será produzido um aprofundamento no próximo capítulo desta investigação acadêmica.

O quadro que apresentamos no final do primeiro capítulo dessa pesquisa mostra como se direcionam e é aplicado os temas no plano de curso da disciplina de Filosofia do colégio em análise.

Observamos que o currículo do Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira, apresenta uma proposta para a disciplina de Filosofia no ensino médio, demonstrando um ensino somente preocupado em elaborar conceitos sem uma abertura para um debate amplo, trazendo assim, uma filosofia sem uma preocupação com a importância na formação do cidadão enquanto ser crítico, social e existencial. Nesse sentido, acreditamos que seja fundamental que o aluno do ensino médio tenha capacidades para analisar e interpretar um texto e reconstruí-lo dentro de uma crítica fundamentada e diante da realidade em que ele está inserido.

Nesse anseio é que queremos que seja desenvolvido um olhar filosófico, investigativo, reflexivo e questionador dentro do currículo que apresentaremos no terceiro capítulo dessa pesquisa. Que a perspectiva desse currículo permeie a vida dos nossos alunos, fazendo-o vislumbrar sua existência com uma visão filosófica existencialista através do filósofo

³⁴ COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da filosofia para uma geração consciente*. São Paulo: Saraiva, 1988. p. 19.

Kierkegaard e também de outros pensadores que refletiram sobre o tema, pensando uma Filosofia que contemple a vida do aluno, preparando-o para uma reflexão madura e consciente da vida, de seus nuances e aspirações.





QUADRO 1 – Currículo da disciplina de filosofia do Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira.

| | | | | | | | |
|--|--|---|--|--|--|--|--|
| Unidade Escolar: Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira | | | | | | | |
| NTE: 22 – Jequié | | | | | | | |
| Etapa de Ensino / Modalidade: Ensino Médio Regular | | | | | | | |
| Ano: 2018 | | | | | | | |
| Área de Conhecimento: Ciências Humanas e suas Tecnologias | | | | | | | |
| Componente Curricular: Filosofia | | | | Série: 1 ^a | | | |
| Professor: Roberto Menezes de Castro | | | | | | | |
| Unidade/ Período | | Competências | | Habilidades | | Conheci- mentos/ Conteúdos | |
| I Unidade | | Dominar os conhecimentos e as capacidades que concorrem para a reflexão, apropriação e criticidade sobre a História da Filosofia e o pensamento filosófico. | | Identificar a História da Filosofia e dos filósofos e compreender suas ideias e pensamentos. | | 1. Filosofia: o que é isso? I – Conceituando Filosofia II – A Filosofia na História III – A Filosofia e sua origem grega | |
| 19/2/2018 | | | | | | I – Situações-problemas. II – Aula expositiva III – Participações em grupo e individuais I – <i>Datashow</i> II – Quadro branco III – Livro IV – Filme V – Música | |
| 18/5/2018 | | | | | | I – Antiquidade Clássica; II – Cultura Grega | |
| | | | | | | Estudos Trans-versais | |
| | | | | | | Orientações e recursos didáticos | |
| | | | | | | Processo Avaliativo | |
| | | | | | | Instrumentos | |
| | | | | | | Critérios | |
| | | | | | | I – Teste II – Jogo das Placas III – Produção textual IV – Prova | |
| | | | | | | Avaliação processual e contínua, considerando principalmente os aspectos qualitativos observados no decorrer da unidade. | |

| Unidade/ Período | Competências | Habilidades | Conhecimentos / Conteúdos | Estudos Trans- versais | Orientações e recursos didáticos | Processo Avaliativo | |
|--|--|--|---|------------------------------|---|---|--|
| | | | | | | Instrumentos | Critérios |
| II Unidade 21/5/2018 a 31/8/2018 | Dominar os conhecimentos e as capacidades que permitem para a reflexão, apropriação e criticidade sobre o senso comum. | Identificar as diferenças entre senso comum e senso crítico. | 1. Filosofia e outras formas de pensar I – Filosofia, senso comum e senso crítico. II – Filosofia e mitologia. | I – Idade Antiga | I – Situações-problemas. II – Aula expositiva. III – Participações em grupo e individuais I – <i>Datashow</i> II – Quadro branco III – Livro IV – Filme V – Música | I – Teste II – Jogo das Placas III – produção textual IV – Prova | Avaliação processual e contínua, considerando principalmente os aspectos qualitativos observados no decorrer da unidade. |

| Unidade/ Período | Competências | Habilidades | Conhecimentos / Conteúdos | Estudos Trans- versais | Orientações e recursos didáticos | Processo Avaliativo | |
|--|--|---|--|------------------------------|--|---|--|
| | | | | | | Instrumentos | Critérios |
| III Unidade 03/9/2018 a 13/12/2018 | Dominar os conhecimentos e as capacidades que concorrem para a reflexão, apropriação e criticidade sobre as questões das artes e das ciências. | I – Identificar os desafios das artes e das ciências e argumentar sobre essas questões. | I. A ciência e a arte I – Ciência: método e conhecimento. II – Arte, produção e indústria cultural. | I – Idade Média | I – Situações-problemas. II – Aula expositiva III – Participações em grupo e individuais I – <i>Datashow</i> II – Quadro branco III – Livro IV – Filme V – Música | I – Teste II – Jogo das Placas III – Produção textual IV – Prova | Avaliação processual e contínua, considerando principalmente os aspectos qualitativos observados no decorrer da unidade. |

Fonte: Secretaria de Educação do Estado da Bahia (2018).³⁵

³⁵ Adaptado de GALLO, Silvío. *Filosofia: experiência do pensamento*. São Paulo: Scipione, 2016.

2 EXISTENCIALISMO, FÉ E RAZÃO EM KIERKEGAARD

Neste capítulo será apresentada uma breve visão da Filosofia existencialista e da nítida relevância de Soren Kierkegaard nesse processo. Para tanto, será examinada brevemente sua biografia e seu trabalho, com ênfase na obra *Temor e tremor*, na qual ele aponta Abraão como o pai da fé. No relato sobre Abraão, Kierkegaard reflete sobre a fé e a razão de maneira singular.

2.1 Filosofia existencialista: uma visão breve

Chama-se existencialismo a corrente filosófica iniciada pelo filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard no século XIX e definida como um conjunto de ideias centradas na existência humana.

O termo existencialismo também foi utilizado nos anos de 1940 pelo filósofo francês Gabriel Marcel. Mas sua maior difusão se deu com os filósofos Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Albert Camus. Contudo, alguns pensadores atribuí a Soren Kierkegaard a paternidade do existencialismo. Segundo Gouveia:

Kierkegaard foi apontado como o ‘pai’ dessa vaga e evanescente escola filosófica chamada ‘existencialismo’. Talvez Kierkegaard chamasse o existencialismo de filho bastardo. Por certo, alguns dos assim chamados existencialistas foram influenciados por Kierkegaard, como também foram influenciados por Ibsen, Dostoiévsky, Nietzsche, Unamuno, Kafka, Bérkson, Buber e muitos outros. A afirmação está presente literalmente em centenas de livros didáticos e compêndios. Uma vez que definimos Kierkegaard impropriamente como pai do existencialismo, pode-se mais facilmente louvá-lo ou rejeitá-lo como irracionalista, subjetivista ou relativista. É o modo mais fácil de livrar-se de um autor difícil.³⁶

Vários pensadores lidaram com a problemática da existência humana. Contudo Kierkegaard fez das indagações de ordem existencial o eixo de sua filosofia, convidando ao aprofundamento da investigação do sentido da vida, da escolha da liberdade, repensando o ser no mundo e a condição desse ser no mundo.

O existencialismo teve seu fastígio na França, com Jean-Paul Sartre (1945), que divulgou as ideias cunhadas pelo existencialismo, trazendo-o ao âmbito da individualidade e

³⁶ GOUVEIA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo paradoxo: uma introdução aos estudos de Soren Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006. p. 88.

da liberdade. Porém, mesmo estando clara sua absorção das ideias de Kierkegaard, todavia, Sartre o vê em Kierkegaard como algo frívolo. Ainda segundo Gouveia:

Sartre, acima de tudo, desconsiderou o compromisso de Kierkegaard com o cristianismo como se fosse algo supérfluo, apesar da crença deste de que isto era a pedra fundamental de seu pensamento. O ateísmo agressivo de Sartre exclui o fator que dá significado último a toda a obra de Kierkegaard – Deus [...] Qualquer que seja a semelhança entre Kierkegaard e Sartre, o primeiro com certeza repudiaria o ‘existencialismo’ do pensador francês como uma grave traição de seu propósito religioso.³⁷

O existencialismo traduzido em Kierkegaard sinaliza inequivocamente para o cristianismo, trazendo a possibilidade de encarar a fé e a razão de forma existencial e única. Todavia, Sartre, recorrendo a Kierkegaard, não cunhou seu existencialismo à luz do cristianismo.

Em uma visão ampliada e ao mesmo tempo breve, poder-se-ia resumir o pensamento existencialista em um primeiro momento, como a existência anterior à essência, indicando a inexistência de uma essência humana capaz de determinar o homem, posto que ele constitui a própria essência na sua existência. Essa concepção da essência se dá a partir das escolhas pessoais, posto que o homem é livre. Nessa circunstância na qual o homem existe e sua vida é um projeto, ele precisará escolher o que quer ser e cumprir sua vontade no agir, isto é, escolhendo, e são essas escolhas que o constituem como homem. Para Medeiros:

O pensamento de Kierkegaard é marcado pelo subjetivismo, pela ênfase na experiência pessoal, considerada como o que dá autenticidade à filosofia e pelo sentimento do trágico e da angústia. Para Kierkegaard, a filosofia deve se ocupar com o existente concreto e não somente com conceitos, como por exemplo, o conceito de homem, em geral, pois a nossa existência não é, em absoluto, um conceito. É preciso compreender a existência humana. Kierkegaard considera a existência como o reino do devir, do vir-a-ser, do contingente; é o reino da liberdade. O homem é o que ele escolhe ser, assim, o modo de ser da existência é a possibilidade: o homem é o que se torna.³⁸

Se a condição humana é essa, então o homem vive numa angústia existencial. A constante necessidade de escolha é angustiante, pois cada escolha reflete diretamente no que se é. A angústia é o reflexo da liberdade humana, dessa ampla possibilidade de escolher e ser responsável por cada escolha.

³⁷ GOUVEIA, 2006, p. 90.

³⁸ MEDEIROS, Alessandro M. *Existencialismo*. 2017. n.p. Disponível em: <www.sabedoriapolitica.com.br/filosofia>. Acesso em: 28 mai. 2018.

Kierkegaard alerta com frequência que o homem, em sua existência, sempre viverá angustiado, pois essa escolha é condição da existência. Na obra *Conceito de angústia*, ele afirma:

Até mesmo no que diga respeito a uma insignificância, sempre que o ser tente uma manobra hábil e que é apenas hábil, desde que deseje esconder-se e com todas as possibilidades de êxito, porque a realidade não é um examinador tão rigoroso como a angústia – a angústia está presente.³⁹

Assim, a angústia é constante na vida individual. Afinal, as escolhas são cotidianas, opções que a própria condição humana vai impondo, e é enfaticamente necessário o aprendizado da vivência da angústia como parte da existência. Assim, construindo as ações, o homem inventa todos os dias um modo de ser e de se refazer nessa existência a que é convidado.

2.1.1 *O Existencialismo em Kierkegaard: Vida e Obra*

Quem se depara com a obra e a vida de Kierkegaard encontra-se com o inesperado, o encanto, a nostalgia e um profundo mergulho nas próprias emoções.

De acordo com Cotrim, “Kierkegaard procurou analisar os problemas da relação existencial do ser humano com o mundo, consigo mesmo e com Deus”⁴⁰, impulsionando o homem a um olhar para si mesmo, a ver sua relação com o mundo e com as possibilidades deste.

Kierkegaard nasceu em 5 de maio de 1813, em Copenhague, na Dinamarca. Seu pai foi um comerciante que se casou pela segunda vez com sua empregada doméstica, que já o servia havia muitos anos. Somente nessas segundas núpcias teve filhos, ao todo sete, sendo Kierkegaard o mais novo, e, portanto, considerado por si mesmo filho da velhice.

A relação de Kierkegaard com o pai e a família é uma ‘cruz’, uma dolorosa relação religiosa vivida sob a marca do castigo de Deus. É relação voltada para algo de culpado e pecaminoso, que a divina onipotência cancelaria como tentativa malograda. E também de natureza religiosa era aquele ‘espinho na carne’ que bloqueou a tentativa de Kierkegaard de se realizar no ideal ético e o impediu de casar com Regina Olsen ou de se tornar pastor. Regina Olsen, filha de alto

³⁹ KIERKEGAARD, Sören Aabye. *O conceito de angústia*. São Paulo: Editora Hemus, 1968. p.162.

⁴⁰ COTRIM, Gilberto. Fundamentos de filosofia. Disponível em: <<http://giulianofilosofo.blogspot.com/2012/01/soren-kierkegaard-1813-1855.html>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

funcionário, tinha dezoito anos quando, em 1840, com vinte e sete anos, Kierkegaard pediu-a em casamento.⁴¹

O pai de Kierkegaard, Michael Pedersen, foi um homem muito angustiado por toda a vida. Ainda jovem e camponês, amaldiçoou a Deus por todo o sofrimento que passou no campo. Transmitiu essa angústia aos filhos e Kierkegaard sentia muito essa dificuldade do pai de superar tal passagem de vida.

Também era nítido o constrangimento de Pedersen por se casar pela segunda vez e pouco tempo depois da morte da primeira esposa. Sobre essa passagem de sua história, escrevem Reale e Antiseri:

Talvez a culpa secreta do pai tenha sido a ‘maldição’ que lançara, quando menino, contra Deus na deserta charneca de Jutland e que ainda não esquecera com a idade de oitenta e dois anos. Ou então o ‘pecado com Betsabéia’, cometido com a doméstica poucos meses depois da morte da primeira mulher. Seja como for, a imprevista revelação da culpa do pai representaria para Kierkegaard uma como que lâmpada no escuro, que lhe permitiria a compreensão profunda do mistério de sua vida.⁴²

Ao longo dos anos, o pai de Kierkegaard foi um homem rico e severo com a formação dos filhos, a ponto de Kierkegaard, ainda criança, considerar-se um velho, com uma educação religiosa rígida. Gouveia relata: “A instrução religiosa que Kierkegaard recebeu era de caráter pietista, austera e sombria.”⁴³ Talvez todo esse contexto tenha impedido Kierkegaard de avançar em alguns aspectos da vida, como, por exemplo, lançar-se ao amor que Regina Olsen despertou-lhe no coração, ao mesmo tempo em que também não se permitiu realizar-se como pastor.

Na opinião de Kierkegaard, um penitente, alguém que abraçou o ideal cristão da vida, com toda aquela tremenda serenidade que o cristianismo comporta, não pode viver a tranquila existência de homem casado. Ele não pode aceitar o compromisso mundano e a gratificante inserção na ordem constituída. Regina não podia tornar-se sua esposa ‘porque Deus tinha a precedência’. E essa também é a razão por que Kierkegaard renunciou a tornar-se pastor.⁴⁴

Regina Olsen casou-se posteriormente. Kierkegaard, apesar de todos os seus questionamentos e embates, não a esqueceu, mas também não se envolveu com outra mulher, passando realmente a se dedicar ao conhecimento e ao mergulho contínuo no pensamento,

⁴¹ REALE, Geovanni; DARIO, Antiseri. *História da filosofia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991a. v. 2. p. 235.

⁴² REALE; DARIO, 1991a, p. 235.

⁴³ GOUVEIA, 2006, p. 38.

⁴⁴ REALE, Geovanni; DARIO, Antiseri. *História da Filosofia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991b. v. 3. p. 237.

contribuindo significativamente para o existencialismo, razão pela qual cumpre aqui delinear cronologicamente suas obras:

O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates (1840); *É preciso duvidar de tudo* (1842-1843); *Ou isso, ou aquilo*: um fragmento de vida (1843); em algumas traduções recentes para o português está disponível *Diário de um sedutor*; *Temor e tremor* (1843); *A repetição* (1843); *Quatro discursos edificantes* (1843); *Dois discursos edificantes* (1844); *Três discursos edificantes* (1844); *O conceito de angústia* (1844); *Migalhas filosóficas* (1844); *Estádios no caminho da vida* (1845) *Culpado? Não culpado?* (1845); Pós-escrito final não científico às migalhas filosóficas (1846); *As Obras do Amor* (1847); *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor* (1848), publicado postumamente em 1859; *O desespero humano: doença até a morte* (1849); *Os lírios do campo e as aves do céu* (1849); *Escola do cristianismo* (1850); e *Estética do matrimônio* (1850).⁴⁵

Kierkegaard utiliza-se de pseudônimos, como, por exemplo, em *Temor e tremor*, assinada por Johannes de Silentio. Essa obra, como já dito, relata a história de Abraão, tido por ele como o pai da fé. Janzen e Holanda afirmam:

Cada pseudônimo, no entanto, não foi somente uma mera criação intelectual sua. Eles estavam intrinsecamente relacionados com acontecimentos e experiências adquiridas durante a sua vida, e foram, portanto, reflexos de sua própria subjetividade.⁴⁶

As reflexões de Kierkegaard são profundas. Seus heterônimos lhe permitiram se aprofundar grandemente em temas até hoje debatidos por muitos pesquisadores, entre os quais se encontram a fé e a razão, imediatamente interessantes a esta pesquisa, e que serão abordados no tópico seguinte.

2.1.2 *A questão da religião, da fé e da razão em Kierkegaard*

O embate entre fé e razão permeia toda a História da Filosofia, embora se perceba claramente que ambas podem caminhar juntas e mesmo se auxiliar mutuamente, enriquecendo a Filosofia e todo o conhecimento. Hoje fé e razão são condutoras na compreensão da existência e auxiliadoras nos variados embates e buscas. No entanto, devem-se superar os

⁴⁵ NAZARETH, Leandro. *Soren Kierkegaard: vida, obra e importância para a história da Filosofia*. Disponível em: <<http://leandronazareth.blogspot.com/2010/11/soren-kierkegaard-vida-obra-e.html>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

⁴⁶ JANZEN, Marcos Ricardo; HOLANDA, Adriano. Elementos para uma psicologia no pensamento de Soren Kierkegaard. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 12, n. 2, p. 572-596, 2012. p. 580. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v12n2/artigos/pdf/v12n2a15.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

conflitos entre uma instância e outra, tomando-as como elementos que se complementam na orientação ao homem no entendimento da própria existência.

Quando os primeiros padres da Igreja elaboraram diversos textos sobre a fé e a revelação cristã, iniciou-se o período chamado de patrística, e Santo Agostinho revelou-se um dos seus grandes expoentes, conciliando, mediante a Filosofia, fé e razão.

Todavia, esta pesquisa se foca na visão de fé discutida filosoficamente e na razão segundo Kierkegaard, que via a fé como categoria do absurdo, conceito próximo ao paradoxo, em que a razão seria incapaz de solucionar as contradições da existência.

Eu creio, sem reserva, que obterei o que amo em virtude do absurdo, em virtude da minha fé de que tudo é possível a Deus. O absurdo não pertence às distinções compreendidas no quadro próprio da razão. Não se pode identificar com o inverossímil, o inesperado, o imprevisto. No momento em que o cavaleiro se resigna, convence-se segundo o humano alcance, da impossibilidade. Tal é o resultado do exame racional que tem a energia de fazer. Porém, pelo contrário, do ponto de vista do infinito, subsiste a possibilidade no seio da resignação; mas esta posse é, também, uma renúncia, sem ser, entretanto por isso um absurdo para a razão, visto que esta conserva o direito de sustentar que, no mundo finito onde ela é soberana, a coisa é e continua a ser uma impossibilidade. O cavaleiro da fé tem também lúcida consciência desta impossibilidade; só o que o pode salvar é o absurdo, o que concebe pela fé.⁴⁷

Em Kierkegaard observa-se um anseio enorme de compreensão da vida, que vem pela fé, contornada pela razão, que perpassa o pensamento e abraça ambas as potências para uma melhor compreensão do ser no mundo.

Observando claramente as inúmeras igrejas e crenças religiosas em torno da nossa escola é que sentimos a necessidade de se expor nas aulas de Filosofia questões que englobam a fé e seus questionamentos racionalizando-a filosoficamente, é pertinente debater esse tema existencial em sala de aula, com a clareza de um filósofo como Kierkegaard, cuja reflexão é alicerçada na sua experiência.

E assim, com base no entendimento da fé e da razão, é que se constrói um pensamento regado numa profunda reflexão, capaz de contemplar a fé de Abraão, que oferece o vislumbre da vida de outra forma. No ponto seguinte será analisada a importância de uma orientação para o ensino de Filosofia inserida nos parâmetros nacionais para o ensino médio.

Como se nota, a Filosofia pode orientar mediante seus questionamentos, indagações e investigações, conduzindo ao mais profundo norteador da vida: o conhecimento. Porém,

⁴⁷ KIERKEGAARD, 1979, p. 136.

esse conhecimento requer os meios adequados, ou seja, as habilidades e competências capazes de contribuir para o alcance desse objetivo.

Para compreender a fé em Kierkegaard, é preciso entender como uma ação da finitude humana vai ao encontro da infinitude, que é Deus. Em *Temor e tremor* a fé é encarada como absurda porque implica chegar ao inatingível, vivendo o paradoxo sem o reduzir.

É necessário deixar transparente que para Kierkegaard há um único ponto que está para além da razão: o paradoxo absoluto. O paradoxo da fé é tomado como absoluto quando é analisado pelas vias lógicas da razão.⁴⁸

Todavia, para entender a fé como absurdo é indispensável esclarecer o conceito de salto em Kierkegaard, presente no estágio religioso da existência humana, no qual o indivíduo experimenta a presença da eternidade no tempo. Na verdade, a fé como salto é uma escolha só despertada por Deus em cada ser humano, mesmo que este seja livre em fazer essa escolha.

Seja onde for que Kierkegaard, no *corpus*, realmente fale de saltos, ele nunca quer dizer um salto ‘para o escuro’ ou ‘para o desconhecido’. Seu foco estava no ato de saltar e não no destino do saltador. Ele achou que a palavra ‘salto’ ajudaria a transmitir o fato de que ele estava se referindo a uma decisão livre e volitiva.⁴⁹

Nesse sentido, o salto na fé é na verdade do cristão que, em numa escolha consciente, no seu livre arbítrio e despertado por Deus, lança-se a uma aliança ou pacto com Ele, que é infinitude, e o homem finito mergulha sua existência na confiança nesse Deus, em que absurdamente acredita.

Confiar e acreditar são palavras que Abraão, o pai da fé, transmite na expressividade e no silêncio, impressionando com a sutileza de sua confiança em Deus, “é o maior de todos porque acreditou em Deus”⁵⁰. A fé é modelo, e ao mesmo tempo, paradoxo, sem, entretanto, perder o paradigma.

Aqui a fé de Abraão já é descrita como um paradigma de ‘fé paradoxal’, isto é, a fé pela qual alguém acredita apesar de sua irracionalidade, isto é, ‘em virtude do absurdo’ ou ‘pela força do absoluto’. A expressão de Johannes é um reminiscente do grande Tertuliano e seu alegado e distorcido *credo quia absurdum*. Abraão acredita

⁴⁸ MORAIS, José Hernandes. *Absurdo, fé e existência em Kierkegaard (segundo Johannes Climacus e Johannes de Silentio)*. 2013. 92f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, UFJF. Disponível em: <<https://bit.ly/2VehwBD>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

⁴⁹ GOUVEIA, 2006, p. 162.

⁵⁰ KIERKEGAARD, 1979, p. 118.

naquilo que por todos os meios parece absurdo: que Deus lhe dará Isaque de volta, ainda que ele crave a faca.⁵¹

A fé em *Temor e tremor* é entendida na ênfase à pessoa de Abraão como cavaleiro da fé, que abdica de tudo e renuncia a si mesmo, optando pelo caminho solitário das respostas subjetivas que lhe são atribuídas.

A duplicidade de movimento, expressa na renúncia e no resgate, juntamente com o imenso anseio de manifestar a confiança e o cumprimento do seu dever para com o divino, o faz testemunha de si mesmo e de Deus, tornando-o cavaleiro da fé. São essas atribuições de Abraão que fazem da fé algo mais apropriado que razão.

Eu creio, sem reserva, que obterei o que amo em virtude do absurdo, em virtude da minha fé de que tudo é possível a Deus. O absurdo não pertence às distinções compreendidas no quadro próprio da razão. Não se pode identificar com o inverossímil, o inesperado, o imprevisto. No momento em que o cavaleiro se resigna, convence-se segundo o humano alcance, da impossibilidade. Tal é o resultado do exame racional que tem a energia de fazer. Porém, pelo contrário, do ponto de vista do infinito, subsiste a possibilidade no seio da resignação; mas esta posse é, também, uma renúncia, sem ser, entretanto, por isso um absurdo para a razão, visto que esta conserva o direito de sustentar que, no mundo finito onde ela é soberana, a coisa é e continua a ser uma impossibilidade. O cavaleiro da fé tem também lúcida consciência desta impossibilidade; só o que o pode salvar é o absurdo, o que concebe pela fé.⁵²

Kierkegaard afirma a importância de Abraão, que em sua fé se entregou totalmente nas mãos de Deus, confiante em seu amor. E mesmo sabendo das impossibilidades, não deixou de acreditar no infinito e, como verdadeiro cavaleiro da fé, não descontinuou seu trajeto. Nesse ímpeto, o absurdo se viabiliza na vida do homem de fé, disposto a impulsionar sua vida no desejo de cumprir o que para si foi designado.

Contudo, a razão, em *Temor e tremor*, também recebe destaque. Nessa obra de Kierkegaard a razão não tem a palavra final, porém, tem sua palavra, ou seja, é algo objetivo, enquanto a fé é subjetiva.

A razão apresenta-se como livre conhecimento e sempre pronta a se contradizer ou não, aberta aos inúmeros questionamentos e oposições. Todavia, a fé como subjetiva vai à categoria do absurdo, e por isso, como paradoxo absoluto, causa ao indivíduo uma diferente experiência existencial, segundo Castro:

⁵¹ GOUVEIA, Ricardo Quadros. *A Palavra e o Silêncio: Kierkegaard e a relação dialética entre a razão e a fé em Temor e tremor*. São Paulo: Alfarrábio/Custom, 2002. p. 169.

⁵² KIERKEGAARD, 1979. p. 136.

Não se pode, no entanto, com base nessa afirmação, considerar Silentio/Kierkegaard um irracionalista. O filósofo apenas usa a categoria do absurdo para deixar clara a diferença entre dois meios de conhecimento, o objetivo e o subjetivo, ou seja, a razão e a fé. A meta da razão é um conhecimento livre de contradições, por isso admite paradoxos relativos que podem ser retificados. Já a fé é um conhecimento continuamente absurdo, por isso considerado paradoxo absoluto, restrito apenas à subjetividade do existente.⁵³

É indispensável destacar que jamais houve o interesse de elevar a fé, situando-a acima da razão; delinea-se simplesmente que a razão é incapaz de explicar todas as coisas, e que as duas estão em âmbitos diferentes. Todavia, pode-se vivenciá-las em ocasiões distintas ou não, e aí está a riqueza do mergulho nessas duas categorias importantes para a dimensão existencial do sujeito.

O relacionamento entre a razão e o paradoxo é possível, na concepção de Silentio/Kierkegaard, na medida em que a razão se limite frente ao paradoxo como absurdo. Isso significa que a razão kierkegaardiana é uma ordenação de verdades e uma concepção a partir de causas. Em contrapartida, pensar o paradoxo como absurdo é não provar, não fundamentar e não explicar a partir das causas.⁵⁴

Compreende-se assim por que Kierkegaard define a fé como absurdo. Afinal, o absurdo não pode ser emoldurado no âmbito do entendimento da razão, pois tramita no campo do imprevisto ou ao menos parcialmente inexplicado, situando-se na categoria do desconhecido.

Nesse sentido Kierkegaard, por ter vivido através das orientações de seu pai, dentro de um contexto religioso, se tornou um crítico da religião do que ele chama de “brincar de cristianismo”⁵⁵.

Sendo um homem de fé, se decepciona com as atitudes da igreja e de seus membros, porém, não abandona a fé e se torna um cristão verdadeiramente defensor do cristianismo e fez de sua fé uma norteadora de seu pensamento e reflexões filosóficas. Esses questionamentos estão sempre presentes em suas obras, principalmente a fé, a razão e o cristianismo.

Acreditamos que essas ideias, temas e abordagem serão enriquecedores para os nossos alunos que abraçam vários tipos de religião, temas esses que serão trazidos à tona de uma maneira respeitosa e na acolhida a todas as crenças, e que serão apresentados como

⁵³ CASTRO, Milene Costa dos Santos. *Razão e fé uma leitura da obra temor e tremor de Kierkegaard*. 2009. 118f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/111213-2tjnCrSkdIyW.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

⁵⁴ CASTRO, 2009, p. 65.

⁵⁵ REALE; DARIO, 1991a, p. 238.

reflexões em sala de aula, para assim, servir como um elo de ligação para o conhecimento da religião, sem estabelecer princípios dogmáticos, mas, como uma contribuição para o conhecimento e a vivência de cada aluno.

“Como a Arte, assim a religião toma aspectos diversos e mesmo apresenta conteúdos diferentes conforme os povos, as regiões e o tempo”⁵⁶. É com esse intuito, que se pretende apresentar e investigar as religiões em nossas reflexões filosóficas, mostrando a mesma como um fenômeno a ser analisado, mas, sem perder a escuta de cada aluno, observando seu contexto social, pois, temos uma sala de aula com diversas cresças e realidades, mas, com a certeza de que a fé, a razão e a religião podem sempre enriquecer os nossos questionamentos filosóficos

No próximo tópico, visitamos no capítulo “*Elogio de Abraão*” da obra *Temor e Tremor*, a maturidade de Abraão que abraça a fé de maneira singular, nos ajudando a perceber a grandiosidade de seu amor no que realmente ele acredita.

2.2 A Fé em “Elogio de Abraão”, da obra *Temor e tremor*

“Deus disse: toma teu filho, teu único filho, que amas, Isaac; e vai à terra de Moriá, e lá o oferecerás em holocausto sobre uma montanha que eu te indicarei.”⁵⁷ É diante desse cenário do capítulo 22 do Gênesis que Kierkegaard analisa a situação de Abraão, o patriarca da fé. Esse pedido divino não é somente um absurdo, pela exigência de que um pai assassine com as próprias mãos o filho muito amado que deveria constituir as diversas nações. E é desse absurdo que se compõe a contradição que Abraão encara com fé, contrariando toda possibilidade de raciocínio humano.

Temor e tremor fala de Abraão como o grande exemplo de homem de fé, até como arquétipo da fé: o ‘pai’ da fé. O Novo Testamento ensina claramente que Abraão é um modelo de fé para o cristão, e a fé de Abraão é, em *Temor e tremor*, o paradigma da fé cristã. A forma da fé de Abraão é a mesma da fé cristã, ainda que o conteúdo possa ser parcialmente diferente. Eu digo parcialmente porque, de uma perspectiva cristã (particularmente uma perspectiva pactual), a fé de Abraão era uma aliança de Deus. E mais, a fé cristã também pode ser chamada ‘paradoxal’ (no sentido de Kierkegaard), já que é fé na Encarnação, um fato que é ‘o paradoxo absoluto’, e além da compreensão humana.⁵⁸

⁵⁶ PIAZZA, Waldomiro O. *Introdução a Fenomenologia Religiosa*. Petrópolis: Editora Vozes. 1983. p. 17.

⁵⁷ A BÍBLIA de Jerusalém. Gn. 22, 2. São Paulo: Paulus, 2000.

⁵⁸ GOUVEIA, 2002, p. 168.

Kierkegaard convida a observar Abraão sob a perspectiva de um homem de fé diante do absurdo. O patriarca não sabia da intenção de Deus. Nem desconfiava de que ao lado havia um carneiro a ser sacrificado no lugar de seu filho. Muito menos que no último instante um anjo apareceria e o impediria do sacrifício.

Mesmo assim, desconhecedor da intenção divina, diante das impossibilidades, Abraão continua silenciosamente por três dias a escalada ao monte. É aqui que podemos notar com clareza a entrega total de Abraão, que acredita que Deus se fará presença em algum momento dessa sua escalada, e providenciará tudo no tempo propício. Gouveia afirma:

A grandeza da fé de Abraão pode ser vista, principalmente, em seu amor. Cada um é grande em proporção à grandeza daquilo que ama. 'Aquele que ama a si mesmo é grande em virtude de si mesmo, e aquele que ama a Deus tornou-se o maior de todos'. Abraão mostrou sua fé também, em segundo lugar, em sua expectativa ou esperança.⁵⁹

Para Kierkegaard Abraão é um autêntico cavaleiro da fé por realizar o movimento da fé sem titubear em sua inteira confiança em Deus, razão pela qual um capítulo inteiro de *Temor e tremor* tem o título "Elogio de Abraão".

O Pai da fé, como Kierkegaard o denomina, poderia ter tomado outras inúmeras decisões, duvidando de Deus e mesmo rejeitar o amor ao filho, mas o entregou ao Absoluto, mostrando que, por meio da fé, é possível vencer até o improvável. Nesse sentido de homem e de cavaleiro da fé, afirma Dantas:

Cavaleiro da fé é aquele indivíduo que está de acordo com essa lei interna de dever absoluto a Deus, e que, por acaso, se manifesta na exterioridade através da vontade expressa de Deus, como quando Deus nos coloca à prova. Portanto, são dois fatores que consagram o cavaleiro da fé, primeiro, ter fé, depois, ser tentado. Por exemplo: quando Abraão subiu ao monte com a intenção única de realizar a vontade de Deus, ele era Cavaleiro da fé, mas não sabemos nunca se já o era desde o início, apenas esperando ser tentado, e foi só no fim destes acontecimentos que se pôde ver o tamanho desta fé, e foi quando Deus lhe deu um carneiro para sacrificar no lugar de Isaac. Se ele fosse apenas resignado e não tivesse fé, jamais sacrificaria Isaac, pois alguém resignado é capaz de fazer muitas coisas, até mesmo grandiosas, mas apenas alguém com fé é capaz de ir além.⁶⁰

A enorme fé e a indiscutível grandiosidade de Abraão estão em entregar o filho amado, dando sentido pleno ao seu tamanho amor e confiança em Deus. Ele entrega Isaac no finito para recebê-lo no absurdo. E, na subida à montanha de Moriá, numa jornada solitária,

⁵⁹ GOUVEIA, 2002, p. 169.

⁶⁰ DANTAS, Walker de Barros. *O paradoxo da fé em Kierkegaard*. Disponível em: <<https://medium.com/@walkerdantas/o-paradoxo-da-fe-C3%A9-em-kierkegaard-89f4158ed52b>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

enfrenta muita angústia e desespero. Todavia, não desacredita e, muito pelo contrário, vai até o último instante, provando que pela fé é possível suportar todos os limites humanos.

Pode-se assim entender a existência enriquecendo os seus alicerces, aceitando os desígnios do trajeto da caminhada de fé, abraçando o paradoxo e permitindo que a fé faça parte da existência humana.

Então por que é que o fez Abraão? Por amor a Deus, como, de maneira absolutamente idêntica, por amor de si mesmo. Por amor de Deus porque este exige essa prova de fé; e por amor de si mesmo para dar a prova. É por isso que ele me aterroriza ao mesmo tempo que suscita a minha admiração. Aquele que se renega a si próprio e se sacrifica ao dever renuncia ao finito para alcançar o infinito⁶¹

A fé exige a coragem destemida do homem que ousa confiar. Nessa perspectiva Abraão encoraja todo homem a impulsionar esse movimento que a fé exige, entregando-se às impossibilidades, sem deixar de acreditar no infinito e em seu amor. Como afirma Paula:

O próprio Silentio confessa que lhe falta a coragem da fé. Ele diz que poderia ir até Moriá como herói trágico, mas nunca como um cavaleiro da fé, tal como Abraão. O cavaleiro da fé relaciona-se sempre de modo absoluto com o absoluto, não usando de nenhuma mediação, e é precisamente nisso que se constitui o paradoxo da fé. Ele não renuncia à sua individualidade para se expressar no geral, antes se relaciona interiormente consigo mesmo. Nesse seu próprio interior se encontra com o absoluto. Ele, o cavaleiro da fé, não tem descanso, mas antes se renova constantemente. Enquanto o herói trágico necessita de aplausos e brados, o cavaleiro da fé pede silêncio. Diante do paradoxo da fé não há outra atitude senão o silêncio.⁶²

Contrariando a moral e toda inclinação humana em poupar o filho do sacrifício, Abraão consolidou a vontade de Deus, abraçando com solidez o seu plano de Deus para sua vida, tendo em vista a essencialidade de obedecer à vontade divina.

Entretanto, para tanto, Abraão abandonou os preceitos da ética, articulando o desenvolvimento de sua individualidade e confrontando-se com o paradoxo. Ele discerne o próprio dever de algo muito maior do que o dever social de não matar um inocente, e ainda mais seu filho tão amado.

Por isso, Kierkegaard faz duras críticas ao sistema hegeliano, que pretende a resolução de tudo a partir da averiguação da razão, sem contemplar a fé no sentido absoluto que ela exige. Contudo, é necessário observar a contextualização em que Hegel se encontra,

⁶¹ KIERKEGAARD, 1979. p. 144.

⁶² PAULA, Marcio Gimenes. O silêncio de Abraão: os desafios para a ética em temor e tremor de kierkegaard. *Interações - Cultura e Comunidade*, v. 3, n. 4, p. 55-72, 2008. p. 64-65. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3130/313027311004.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

pois estava inserido em um momento em que a razão sobressaía como absoluta. Como afirma Castro:

Como se pode ver, Hegel tenta resolver a oposição entre a razão e a fé no tempo das Luzes através da utilização do ‘elemento da razão’. Ele unifica todas as diferenças a partir do crivo da razão como Espírito Absoluto. Para conseguir isso, ele recusa qualquer tipo de subjetividade que não seja racional sobre o Absoluto. Ele constrói um sistema inteligível para entender o Absoluto e expô-lo de forma compreensível.⁶³

Para Kierkegaard, a fé como revelação espiritual alimenta a vida, impulsionando a existência. Afinal, nem tudo a razão suportará ante os desafios do mundo. Dessa maneira, a filosofia poderá ajudar como mediadora entre a razão e a fé, dado que as duas contribuem mutuamente nesse processo existencial.

2.2.1 *A Fé e a Razão como mediadoras nos questionamentos filosóficos*

Acolher a fé e a razão como mediadoras dos questionamentos no ensino de filosofia significa abraçar um grande tesouro. Afinal, são meios viáveis de profunda reflexão e da busca eterna pela verdade e pelo entendimento da existência.

É necessário abandonar possíveis conflitos, preconceitos e ideias equivocadas entre a fé e a razão, sabendo que o homem necessita de ambas para se realizar existencialmente. As duas são formas de conhecimento que não se suprimem, mas devem se enriquecer mutuamente, pelo diálogo e pela contínua colaboração. O Papa João Paulo II escreveu sabiamente sobre a contribuição da razão e da filosofia:

Variados são os recursos que o homem possui para progredir no conhecimento da verdade, tornando assim cada vez mais humana a sua existência. De entre eles sobressai a filosofia, cujo contributo específico é colocar a questão do sentido da vida e esboçar a resposta: constitui, pois, uma das tarefas mais nobres da humanidade. O termo filosofia significa, segundo a etimologia grega, amor à sabedoria. Efetivamente a filosofia nasceu e começou a desenvolver-se quando o homem principiou a interrogar-se sobre o porquê das coisas e o seu fim. Ela demonstra, de diferentes modos e formas, que o desejo da verdade pertence à própria natureza do homem. Interrogar-se sobre o porquê das coisas é uma propriedade natural da sua razão, embora as respostas, que esta aos poucos vai dando, se integrem num horizonte que evidencia a complementaridade das diferentes culturas onde o homem vive.⁶⁴

⁶³ CASTRO, 2009, p. 23.

⁶⁴ PAULO II, João. *[Carta aos bispos da igreja católica]*. Roma, 14 set. 1998. n.p. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html>. Acesso em: 4 ago. 2018.

A filosofia indica caminhos para o conhecimento e fornece meios para uma análise mais profunda das diversas situações. Contudo, a fé também pode auxiliar nessa trajetória. Tanto é assim que grandes filósofos e pensadores como Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino auxiliaram nessa reflexão, servindo-se de ambas as instâncias. Segundo Biagi:

Fé, Razão e Revelação são os pontos fundamentais de suas teorias. Santo Agostinho demonstra claramente sua vocação filosófica na medida em que, ao lado da fé na revelação, deseja ardentemente penetrar e compreender com a razão o conteúdo da mesma. Santo Tomás consegue, por seu turno, estabelecer o perfeito equilíbrio nas relações entre a Fé e a Razão, a teologia e a filosofia, distinguindo-as, mas não as separando necessariamente. Ambas, com efeito, podem tratar do mesmo objeto: Deus, por exemplo. Contudo, a filosofia utiliza as luzes da razão natural, ao passo que a teologia se vale das luzes da razão divina manifestada na revelação.⁶⁵

Ou seja, Santo Agostinho, pela razão, penetra nos meandros da fé, e Santo Tomás de Aquino conta com a razão como auxílio na compreensão da fé. Fica nítido que fé e razão podem atuar juntas a nortear uma reflexão enriquecedora e madura, constituindo uma enorme contribuição na compreensão e nos questionamentos filosóficos.

A fé não substitui e nem elimina a inteligência; pelo contrário, como já acenamos, a fé estimula e promove a inteligência. A fé é um *'cogitare cum assensione'*, um modo de pensar assentindo; por isso, sem pensamento não haverá fé. E analogamente, por seu turno, a inteligência não elimina a fé, mas a fortalece, e de certo modo, a clarifica. Em suma: fé e razão são complementares.⁶⁶

Essas duas questões se enriquecem mutuamente, numa dialética possível e plausível. Afinal, cada uma, fé e razão, têm espaço e mérito próprios, e qualquer escola que ofereça um conteúdo de filosofia que também abranja a religião ajudará imensamente nos questionamentos dos alunos em sala de aula e na vida.

Razão e fé, ao caminharem lado a lado, fomentam um conhecimento cheio de possibilidades, perspectivas e descobertas. E todo currículo aberto a esse desafio contribuiria efetivamente para o crescimento dos alunos, abrindo portas para o desvendamento da existência.

A fé e a razão podem trazer à sala de aula questionamentos capazes de tecer a compreensão de diversas situações do mundo atual. A todo instante a escola recebe essa cobrança e tem que constituir esse espaço reflexivo e mediador das questões humanas e

⁶⁵ GREGÓRIO, Sérgio Biagi. *Fé e razão*. 2010. n.p. Disponível em: <<http://sergiobiagigregorio.com.br/filosofia/fe-e-razao.htm>>. Acesso em: 5 ago. 2018.

⁶⁶ REALE; DARIO, 1991b, p. 435.

existenciais. Também para Viana, Kierkegaard preocupa-se verdadeiramente a existência humana:

Toda a obra de Kierkegaard é a pura expressão de sua própria vida. Seu pensamento surgiu da luta de consciência perante sua condição de existir. A condição absoluta de sua filosofia, e até a única razão de seu viver, estava na relação estreita entre existir como pessoa e a consciência desse existir. Foi, na verdade, o primeiro representante da filosofia existencial e o primeiro a se preocupar em compreender a existência.⁶⁷

Kierkegaard, com seu pensamento existencialista, com sua força de pensador e de filósofo, contribui efetivamente nesse processo de construção e reconstrução existencial em sala de aula. *Temor e tremor* representa um aprendizado de enobrecimento no silêncio, de crescimento no movimento, na fortaleza do conhecimento e na confiança em Deus. Afinal, todo ser humano cedo ou tarde pensa no seu ser no mundo.

Por isso, no próximo item, este segundo capítulo será selado com o anseio de que a filosofia seja uma aliada para de uma reflexão existencial, em que a fé possa ser uma companheira contínua.

2.2.2 A reflexão filosófica como busca existencial tendo como auxílio à fé

São instigantes os diversos caminhos que a filosofia oferece, permitindo investigar inúmeras situações e setores a que nenhuma outra disciplina teria acesso. Contudo, é dessa forma também, que se pode, por meio dela, desvendar as várias demandas da vida, alcançando outras possibilidades.

Trazer a fé para uma reflexão filosófica no âmbito de uma argumentação embasada no pensamento de Kierkegaard abre um campo de viabilidade ao conhecimento.

A Filosofia caracteriza-se por ampliar a compreensão da realidade concreta e existencial por meio da razão, da observação, da contemplação, do pensamento, da indagação, da interpretação e do senso crítico, mas não se fecha a outros saberes.

Nesse sentido a fé, como auxílio ao pensamento filosófico, é bem-vinda, dado que a filosofia é, por excelência, a procura de saberes e a reflexão sobre os problemas existenciais. *Temor e tremor* mostra em Abraão um homem forte, que pela fé consegue superar o momento mais difícil da vida, o sacrifício do próprio filho.

⁶⁷ VIANA, Iury. *Existencialismo*: Soren Aabye Kierkegaard. 2009. [n.p.]. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/abordagens/humanismo/existencialismo-soren-aabye-kierkegaard>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

É nesses termos que Silentio/Kierkegaard mostra a grandeza de Abraão. A explicação do seu ato não pode ser apreendida, porém, o espanto por ter agido de acordo com um dever absoluto e privado na sua existência pode ser concebido. De forma alguma a moral pode ser ou foi abolida na argumentação de Silentio/Kerkegaard. Ela foi apenas suspensa, temporariamente, por uma instância superior, alienígena à razão e, por isso, para ela tornada absurda. Foi somente um instante 'em que o seu ato está em contradição absoluta com o seu sentimento'. Portanto, o caráter paradoxal da fé se torna superior porque se estende para além da razão e, ao mesmo tempo, encontra espaço na existência, em um nível diferente da razão, sem aniquilar ou abolir a razão, pois ela também é instância irredutível da existência.⁶⁸

Sendo assim, sem pretensão de abolir a razão, a fé se apresenta como importante condutora do pensamento filosófico e encontra em Kierkegaard terreno fértil para uma reflexão sobre os problemas da realidade existencial.

Nesse panorama, a filosofia abre caminhos para a busca incessante do conhecimento e das descobertas possíveis. Entretanto a filosofia não ambiciona solucionar em definitivo todos os problemas existenciais e sociais da humanidade, voltando-se a apontá-los, investigá-los, interpelá-los e mostrar que é possível, na fé e na razão, repensá-los, contribuindo, com a reflexão, para o seu enfrentamento.

No terceiro capítulo desta pesquisa, será proposta a aplicação em sala de aula de um currículo com conteúdos discutidos até aqui, viabilizando uma reflexão, questionamento e análise que traga a frente esse grande teórico do existencialismo o filósofo Soren Kierkegaard, sem deixar de abordar outros pensadores existencialistas que sem dúvidas contribuem com essas interpelações.

⁶⁸ CASTRO, 2009, p. 75.

3 UMA PROPOSTA DO ENSINO DE FILOSOFIA: PENSAR A EXISTÊNCIA

Neste último capítulo será apresentado documentalmente um currículo de Filosofia que possa atender a uma reflexão existencialista, necessidade apresentada no início dessa pesquisa, nessa perspectiva destacando Soren Kierkegaard, autor cujo pensamento situa-se no limiar entre a fé e a razão.

O esforço da defesa do preenchimento dessa necessidade curricular justifica-se no ponto de vista aqui advogado de que um plano de curso que contemple a filosofia existencialista funciona como ponte para o alcance da maturidade reflexiva dos alunos, onde os mesmos possam conectar-se com a vida e os dilemas reais que cada um enfrenta em suas vidas.

Pretende-se que a Filosofia lecionada nas escolas seja, antes de tudo, uma forma de observar a realidade e de pensar os acontecimentos além da aparência. Também se almeja que a Filosofia como ensino e aprendizagem proporcione aos alunos inquietação quanto ao mundo, provocando mudança ou desejo de vislumbrar um mundo com possibilidades antes desconhecidas.

3.1 Pensar a Filosofia como conhecimento existencial

Pensar a Filosofia como conhecimento existencial é situar de fato o homem no mundo, torná-lo cada vez mais consciente das escolhas que tem que fazer. Numa visão nutrida pelo pensamento de Kierkegaard, Olivieri trata dessa constante tensão que frequentemente leva ao desespero e à angústia, impulsionando o homem a questionar a própria vida, a existência, a essência e a liberdade como ser no mundo:

Sob a ótica de Sören Aabye Kierkegaard, renomado filósofo existencialista do século XIX, a angústia é um tema instigante, fascinante e pertinente à trajetória humana, estando sempre presente em maior ou menor grau no curso da humanidade. O ponto de partida de Kierkegaard em sua reflexão destaca a importância da angústia no processo de escolha frente às situações vividas pelo indivíduo em sua existência. Na perspectiva de Kierkegaard, a angústia é de fundamental importância no que tange à constituição e construção da subjetividade humana, ou seja, na construção da individualidade, de 'si mesmo'. Kierkegaard pondera, sobremaneira, o quanto o peso da escolha e das decisões desencadeia o processo de angústia na existência humana.⁶⁹

⁶⁹ OLIVIERI, Maria de Fatima. Angústia existencial sob a ótica reflexiva de Sören Aabye Kierkegaard. *Revista Controvérsia*, v.3, n.2, p. 32-41, 2007. p. 32. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/7043/3906>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

Nessa abordagem percebe-se a angústia como intrínseca do homem, seu componente, como ser inserido no mundo. Suas escolhas sempre causarão a angústia própria de quem se depara com caminhos diversos. Essa angústia também poderá lhe trazer, segundo Kierkegaard, o desespero, entrelaçado no processo existencial, e ao qual nenhum ser humano está imune.

Assim como talvez não haja, dizem os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que nem um só existe que seja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de lá se sabe o que de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio duma eventualidade exterior ou receio de si próprio; tal como os médicos dizem de uma doença, o homem traz em estado latente uma enfermidade, da qual, num relâmpago, raramente um medo inexplicável lhe revela a presença interna.⁷⁰

Isso faz do homem um eterno caminhante à procura da compreensão de seu ser no mundo, pois diante das situações adversas, serão recorrentes a angústia e o desespero, presenças constantes em sua trajetória. “A angústia está presente, assim como o desespero, e quando se suspende o encantamento das ilusões dos sentidos, desde que a existência vacile, o desespero, que espiava, surge”.⁷¹ Contudo, esse ser precisa aprender a conviver, a se relacionar e a dialogar com os fatores e situações causadores de angústia e desespero e elaborar sua existência da melhor forma possível.

Em *O desespero humano: doença até a morte*, de 1849, o filósofo dinamarquês oportuniza uma experiência fenomenológica do desespero, mostrando suas possibilidades de manifestação, como também seus níveis de intensidade, retratando o indivíduo que prefere por vezes ser outro a enfrentar a própria existência.

Segundo Kierkegaard, o homem, “ao se desesperar, nem sequer tem eu suficiente para, ao menos desejar ou sonhar ter sido aquilo que não foi. Defende-se então de outra maneira desejando ser outrem”.⁷² Mas não se pode abandonar o próprio eu, de modo que é preciso enfrentar todos os riscos da existência.

Ousarmos ser nós próprios, ousar ser um indivíduo, não um qualquer, mas este que somos, só face a Deus, isolado na imensidade do seu esforço e da sua responsabilidade: eis o heroísmo cristão, e confesse-se a sua provável raridade; mas haverá heroísmo no iludirmo-nos pelo refúgio na pura humanidade, ou em brincar a ver quem mais se extasia perante a história da humanidade? Todo o conhecimento

⁷⁰ KIERKEGAARD, S. A. *O desespero humano: doença até a morte*. São Paulo: Unesp, 2010. p. 37.

⁷¹ KIERKEGAARD, 2010, p. 62.

⁷² KIERKEGAARD, S. A. *Diário de um sedutor*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 223.

cristão, por estrita que seja de resto a sua forma, é inquietação e deve sê-lo; mas essa mesma inquietação edifica. A inquietação é o verdadeiro comportamento para com a vida, para com a nossa realidade pessoal e, conseqüentemente, ela representa, para o cristão, a seriedade por excelência; a elevação das ciências imparciais, muito longe de representar uma seriedade superior ainda, não é, para ele, senão farsa e vaidade. Mas sério é, e vô-lo afirmo, aquilo que edifica.⁷³

Assim, tanto a angústia quanto o desespero são experiências que fazem história na existência, acompanhando a vida do homem, ser de infinitas possibilidades. Todavia, o desespero leva-o à percepção da própria mortalidade, despertando-o para a necessidade de construir uma existência consciente e autêntica, enquanto ele empreende transformações em sua permanência existencial. Afinal, o homem é um ser em processo, inacabado, sempre em busca do autoconhecimento, progredindo existencialmente.

No próximo item abordaremos a proposta que iremos construir inspirada na Filosofia existencialista e na força que ela pode trazer para a vida de nossos discentes e de todo aquele que se permite refletir e contextualizar sua própria história.

3.2 Uma proposta do ensino inspirada na Filosofia existencialista

Esta é uma sociedade carente de profundas reflexões acerca da vida, e particularmente da vida em comum. Contudo, o homem necessita conhecer a si mesmo e exprimir seus anseios existenciais, contextualizando sua vivência, seus conhecimentos e seus pensamentos.

A Filosofia conduz ao ato de pensar, proporcionando formas inusitadas de ver o mundo, permitindo interrogar, questionar e, de certa forma, compreender a condição humana. Certamente a Filosofia não deve ser apresentada na sala de aula como aquela que resolverá todas as questões, porém, ela convida a problematizar tudo, desenvolvendo a sensibilidade crítica.

Pensar, portanto, não implicaria a capacidade de resolver problemas, mas a capacidade de criar, construir suas próprias produções de acordo com o contexto inserido e com o sentido encontrado pelas suas condições. As singularidades e diferenças aqui se fazem presentes, uma vez que cada sujeito apresenta construções acerca dos problemas suscitados. A Filosofia da diferença não define o problema pelas suas possíveis soluções, mas pelas condições implicadas no sujeito capazes de provocar encontros. Poderemos pensar um ensino de Filosofia que provoque encontros que mexam, desassosseguem os alunos, pensando através da perspectiva de que o sujeito pensante não está predisposto a pensar. Afinal, o que encontramos

⁷³ KIERKEGAARD, 2010, p. 189.

são alunos que encontram dificuldades em pensar, ficando muitas vezes inertes a desenvolverem seus pensamentos.⁷⁴

Como expõe Silva, os alunos, diante da Filosofia, devem ser provocados a pensar, pois, uma vez instigados e conduzidos à ousadia do pensamento, estarão mais aptos a buscar o conhecimento e sair da condição inerte à qual foram levados.

No que se refere aos jovens no Ensino Médio, a Filosofia pode ser interessante à medida que dá força para os jovens explorarem seu pensar, pensando em algo além do que já foi pensado, expandindo o seu pensamento. E isso se dá com o conceito, atingindo certa dimensão capaz de desestabilizar as ideias.⁷⁵

Nesse processo de construção e desconstrução, é concedida ao aluno a liberdade de expor ideias, pensamentos e questionamentos, fazendo dessas trocas de experiências oportunidades enriquecedoras na condução da aula de Filosofia, ensejando o surgimento, em meio ao caos, de diálogos e possibilidades de constituição de novos horizontes.

Nesse contexto é bem-vinda a experiência de Kierkegaard para a discussão existencialista em sala de aula, trazendo ao conhecimento dos estudantes sua vida, suas histórias, obras e conceitos existenciais, e participando do pensamento desse homem que desfilou em sua vida um leque de sentimentos e dúvidas.

Kierkegaard provou de perdas, angústia e desespero, conflitos com seu pai, relacionamento amoroso não resolvido e outros inúmeros embates com seus próprios questionamentos. Nesse sentido, sua trajetória ajudará os alunos em sala de aula a rever suas próprias histórias e enfrentamentos e perceber numa reflexão filosofia que todos podem em algum momento da vida enfrentar desafios, mas, que racionalmente podemos ponderar ou mesmo amadurecer nossas ideias e dificuldades.

Neste sentido, Kierkegaard revela a vocação de todos os verdadeiros filósofos, que está na origem mesma da filosofia. Filosofar pressupõe a inquietação que atinge um determinado indivíduo, que lhe rouba a adequação tranquila e conformada em meio à natureza que segue instintivamente e fatalmente o seu rumo. O jovem Kierkegaard terá toda a sua vida abalada por causa da consciência de si mesmo enquanto existente. Existir é situar-se em meio às coisas e ao geral humano. Em sua luta em prol da conquista da sua própria existência, Kierkegaard produziu uma obra sui generis.⁷⁶

⁷⁴ SILVA, Francilene Corrêa. *O ato de pensar no contexto do ensino de filosofia*. [s.d] [n.p]. Disponível em: <<http://congressos.ifal.edu.br/index.php/connepi/CONNepi2010/paper/viewFile/1484/578>>. Acesso em: 5 ago. 2018.

⁷⁵ SILVA, [s.d] [n.p.]

⁷⁶ OLIVEIRA, André Luiz Holanda de. Søren Kierkegaard: por uma filosofia da existência. *Ágora filosófica*, Ano 15, n. 1, p. 169-194, 2015. p. 180. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/viewFile/631/490>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

Efetivamente, viver exige a experimentação de muitos fatos, reações e sentimentos, e Kierkegaard, ao longo de sua história, foi submetido a diversas situações que o tornaram mais forte, permitindo-lhe dividir um tesouro de conhecimentos que é imprescindível disseminar.

Kierkegaard expõe seus leitores a uma Filosofia encarnada na vida e não dissociada desta, mostrando um modo de pensar diante de determinado contexto vivencial, provocando a inquieta ousadia diante dos acontecimentos que a história delinea.

Uma das razões para explicar o caráter inquietante, polêmico e provocativo (além de se apresentar às vezes bastante hermético) da obra kierkegaardiana é que, muito daquilo que Kierkegaard escreveu deu-se em relação aos próprios acontecimentos de sua vida. Os seus escritos refletem as suas inquietações e dramas existenciais, pois para ele não era possível conceber um filosofar dissociado do existir concreto, ou seja, um filosofar teórico e distante da vida. A existência não é vista por ele como um conceito a ser incluído num sistema de Filosofia ou de Teologia. O existir não se dá na impessoalidade ou na abstração, pois ele não é mera possibilidade teórica sem efetivação.⁷⁷

Contudo, esse homem que leva a racionalizar os fatos é o mesmo que convida a uma vivência de fé no Absoluto, confiando totalmente em Deus e em seus propósitos: “A existência humana, enquanto concretude e liberdade, resiste à dissolução do indivíduo e é, acima e tudo, existência do indivíduo singular perante o Absoluto na dimensão da paradoxalidade da fé”.⁷⁸ Assim, aprende-se com Kierkegaard que é possível racionalizar, sem, contudo, esperar da razão explicação de algo somente compreensível pela fé. Nessa dimensão kierkegaardiana, Oliveira afirma:

Mas, é necessário o devido cuidado acerca da extensão do caráter ambíguo dos escritos indiretos de Kierkegaard. Mas, o seu objetivo não era produzir uma filosofia esvaziada de qualquer objetividade. Para Kierkegaard, na comunicação direta transmite-se um saber, ao passo que, na indireta busca-se atingir as profundezas da subjetividade, a interioridade, e a sua tarefa é o despertamento da consciência existencial do indivíduo, o que lhe remete às temáticas da eternidade e do dever para com Deus.⁷⁹

É esse desejo que permeia o convite à entrada de Kierkegaard na sala de aula, de modo a propulsionar uma reflexão profunda, mas presente na realidade de cada aluno. É nesse intuito que se apresenta aqui uma proposta curricular capaz de preencher essa lacuna e trazer o aluno a esse caminho existência.

⁷⁷ OLIVEIRA, 2015, p. 170.

⁷⁸ OLIVEIRA, 2015, p. 1.

⁷⁹ OLIVEIRA, 2015, p. 189.

Faz-se necessário entender a educação como processo de transformação que leva o indivíduo ao contínuo despertar, consciente de seu papel como pessoa no mundo. Uma proposta de ensino de Filosofia que se inspire na perspectiva existencialista de Kierkegaard tem muito a oferecer, fazendo pensar filosoficamente e mostrando, como contornos desse pensar, a fé e a razão, num paradoxo sempre presente em seus escritos e muito enriquecedor:

O pensador existencial insere a razão como faculdade fundamental no processo de fundamentar o sentido da existência, mas não como única faculdade, desconsiderando outras faculdades, como a paixão, a vontade, o amor, a abnegação, que contribuem igualmente para a construção do sentido último. É imprescindível explicitar de início esta constatação. Para o pensador existencial, a existência não pode ser analisada nos moldes científicos. Ela não é uma ciência, é uma história, que envolve personalidades, relações e contradições paradoxais, que não se esgota em definições e demonstrações lógicas.⁸⁰

Essa compreensão de mundo, não somente em um modelo racional, mas aberta a outras perspectivas, é que faz de Kierkegaard um destacado existencialista, que se permite trilhar o universo da razão, mas também ousar experimentar a fé, “além da razão e de toda possibilidade de compreensão, porque a fé é absurdo, paradoxo, escândalo”⁸¹. Por essa e outras qualidades ele um é referencial, e trazê-lo para a Filosofia em sala de aula enobrecer a reflexão dos alunos.

Kierkegaard nos faz inferir como se dá esse processo de edificação, que para ele, ocorre por meio da interiorização e subjetivação, e abertura para o diálogo, na relação com o outro. Se tal processo se dá de forma interior e subjetiva, qual é a função da educação nesse processo? Um dos papéis da educação, dentre vários, é exercitar a participação do indivíduo na multiplicidade da diferença, da aceitação do outro enquanto outro, por meio da abertura a esse outro, no diálogo. E ao mesmo tempo, possibilitar a transformação do si mesmo como um ser singular, moldando-se a si eticamente e esteticamente como uma obra de arte. A escola precisa educar e não apenas ensinar, e educar significa estimular ao exercício, à criatividade, à busca de si, do melhoramento de si, num constante devir, numa constante afirmação da vida.⁸²

Ao mesmo tempo em que fascina pelos seus escritos, Kierkegaard leva o leitor a um profundo mergulho em si mesmo. Poucos autores conseguem inserir o leitor na sua história nesse nível. E estar inserido no contexto kierkegaardiano é um convite à busca, em meio à sua

⁸⁰ ALMEIDA, Jorge Miranda de. Kierkegaard: pensador da existência. *Revista “Existência e Arte”*, ano III, n. III, p. 1-17, 2007. p. 4. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/3_Edicao/Jorge%20Miranda%20de%20Almeida%20FILOSOFIA%20ok.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2018.

⁸¹ LE BLANC, Charles. *Kierkegaard*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. p. 90.

⁸² FRANÇA, Helysson Assunção; LEÃO, Jacqueline Oliveira. A educação em Kierkegaard: um projeto de melhoramento do homem. *Cadernos Zigmunt Bauman*, v.6, n. 11, p. 51-63, 2016. p. 53. Disponível em: <www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/download/5101/3133>. Acesso em: 10 ago. 2018.

Filosofia existencialista, de um sentido o início do entendimento das histórias de cada sujeito, um passo importante e sugestivo para a melhor compreensão de questionamentos. É um chamado à investigação filosófica das questões do ser.

Para França e Leão, Kierkegaard impulsiona seu leitor ao diálogo, à edificação e à transformação.

A educação pautada em Kierkegaard envolve um processo dialético. O autor, em sua vasta obra, utiliza-se de personagens, e coloca na boca de cada um deles um pensamento próprio e distinto dos outros. Visa com isso, fazer com que o seu leitor se veja como num espelho, e assim possibilita ao leitor-ouvinte um despertar de consciência. Tal método constitui-se em método pedagógico, pois provoca e convida o leitor a fazer uma escolha. Nesse contexto a educação em Kierkegaard não é pautada apenas na transmissão e repetição do modelo educacional atual, mas busca o rompimento com esse modelo, não sendo doutrinação. É um modelo ético-existencial, que permite ao leitor querer ou mesmo não querer escolher. Escolher aprender, modificar-se, transformar-se, edificar-se, melhorar-se enquanto si mesmo e enquanto abertura dialógica para com o outro.⁸³

A educação ainda é o meio mais viável de transformação. Por isso esta busca foi traçada pelo conhecimento, no intuito de provocar os alunos de Filosofia à entrega sem reservas a descobertas de novos horizontes, por meio do pensar alimentado pela leitura, investigação e interpretação.

A Filosofia deve recuperar a sua fonte, orientando-se ao homem em sua condição humana e existencial e colocar-se a serviço desta condição. A inconclusividade da Filosofia encontra nessa tarefa a sua razão de ser, pois ela não deve impor, deve convidar; ela não pode possuir uma verdade, deve ser apenas meio para que o indivíduo possa construir, com a sua ajuda, a verdade.⁸⁴

É na construção da realidade de nossos alunos que enfrentam diversos problemas existenciais e sociais, como desemprego, drogas, angustia, escolhas, liberdade e o sentido de ser-no-mundo que queremos aplicar esse currículo, atendendo seus anseios e necessidade de refletir e repensar suas ações em um contexto de difícil convivência.

Esse currículo contempla discursões que estão presentes no dia -a- dia da vida de cada um de nossos alunos, e a luz de Soren Kierkegaard, mas, sem deixar de abordar pensadores como Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre, afinal, sabemos que esses filósofos contribuíram de forma significativa para a Filosofia existencialista e podem ajudar a nortear nossos debates em sala de aula.

⁸³ FRANÇA; LEÃO, 2016, p. 60.

⁸⁴ ALMEIDA, 2007, p. 15.

Geograficamente o Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira, está situado numa região periférica da cidade de Jequié na Bahia, é uma região com incontáveis infortúnios como: saneamento básico, violência, caos na saúde, enfim, ausência visível do poder público.

Nesse contexto de conflitos sociais, culturais e existenciais é que se encontra a escola e nela nossos alunos, professores, gestores e equipe de apoio. O Colégio também por ser público e como outros inúmeros no país, passa por dificuldades estruturais, porém, acreditamos que podemos mesmo na adversidade oferecer o que de melhor temos que é a nossa humana esperança de dias melhores.

No ponto seguinte será proposto um currículo que atenda ao anseio filosófico de pensar a vida, o outro e a si mesmo num contexto existencialista e de acordo com essa realidade e desafios que nossos alunos e a escola enfrentam. Nesse sentido, acreditamos que a disciplina de Filosofia venha discutir, refletir, questionar e ajudar nossos alunos no enfrentamento, na busca da compreensão dos fatos que experienciam.

A Filosofia não vem trazer pacotes prontos de soluções, contudo, aberta ao diálogo, ela vem ser um norte para se conquistar na escola, no bairro e na própria vida do aluno um espaço de compreensão da vida e dos percalços que essa possa nos trazer.

3.2.1 *Proposta Curricular a ser aplicada no Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira*

Sugerir algo que destoe do tradicional, do já visto e feito, é sempre um enorme desafio, pois implica o recebimento de críticas. Entretanto, é necessário, como meio de expressão do pensamento e de construção de uma nova prática.

Contudo, deve-se levar em consideração a presente realidade, e nesse contexto, cabe ilustrar a proposta até aqui defendida com a vivência do educador junto aos alunos de Filosofia do 1º ano do ensino médio de uma escola pública do Nordeste do Brasil, numa unidade escolar estadual na cidade de Jequié, na Bahia. Como toda escola pública, essa também tem suas dificuldades, mas também obteve experiências exitosas.

A proposta curricular que ora se apresenta alinha-se com as leis que regem a educação do país, com a Secretaria de Educação do Estado da Bahia e com a coordenação e a gestão escolar do Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira. Afinal, não se

caminha sozinho, e na educação é preciso contar com o auxílio e a contribuição de todos os sujeitos envolvidos para a execução do que se propõe.

O que se segue é um programa mínimo de filosofia com foco no existencialismo do pensador Soren Kierkegaard como referencial teórico, com um plano específico sugerido para cada uma das três unidades. A ideia é propor um programa para as unidades com conteúdo básico, algumas sugestões metodológicas, recursos didáticos e critérios de avaliação do percurso.

O currículo prevê o uso de linguagem acessível e de fácil assimilação, tendo em vista os parâmetros da escola e a consciência da realidade da educação pública no país, sem, contudo, perder a esperança indispensável à inserção de novas ideias.

Essa proposta, a ser aplicada no Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira, pretende ser executada com a clareza exigida pela disciplina de Filosofia no ensino médio, convidando o aluno ao desenvolvimento do senso crítico e ao exercício da cidadania, além da preparação para o enfrentamento das mazelas do cotidiano mediante a capacitação ao confronto, pela educação, dos desafios à sua emancipação como ser pensante.

Ou seja, educar é um processo pelo qual o educando entra em contato com um ambiente que propiciará sua adaptação e sua emancipação. Sendo assim, a educação tem como papel tanto a adaptação do indivíduo à sociedade quanto a construção de sua autonomia. E construir a autonomia de um indivíduo significa oferecer-lhe ferramentas intelectuais capazes de modificar a sua realidade.⁸⁵

Objetiva-se a formação integral do aluno, viabilizando oportunidades e igualdade para todos, pela construção de uma relação de saberes entre educador e educando, não somente mediante os conhecimentos estabelecidos em sala de aula, mas também os adquiridos na prática cotidiana. Pretende-se despertar o educando, por meio da Filosofia, para a leitura e a interpretação crítica do mundo, levando-o a refletir sobre os encaminhamentos de sua vida e de seu futuro, com vistas ao alcance da melhor convivência com a diversidade e o pluralismo social.

As inquietações dos jovens pela busca de compreensão, de significado e valor da realidade são genuínas e precisam de respeito para serem de alguma forma apaziguadas pelas respostas complexas encontradas, por mais provisórias que sejam. Portanto, tudo deve partir das questões dos alunos. Não há razão para pensarmos o ensino de filosofia se não for da filosofia viva e vivificante que pode ser construída a

⁸⁵ SERENO, Caio Gonçalves Bezerra; PISANI, Marília Mello; VELASCO Patrícia Del Nero. Filosofia e sala de aula: propostas de um diálogo possível. *Revista páginas de filosofia*, v.2, n.1, p. 139-174, 2010. p. 147. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/article/view/1956/1961>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

partir das aflições tão humanas, do estranhamento e incômodo com a ordem vigente da vida como ela se nos aparece. A filosofia surge como tentativa de elaboração de saídas para problemas concretos, por meio da criação de seus conceitos. As questões filosóficas são universais, são humanas.⁸⁶

A constatare inquietude dos alunos pode ser aproveitada nesse processo filosófico, que deve se inserir na vida e na concretude experimentada diariamente. Costa, em seu artigo “Docência de filosofia: objetivando o filosofar”, trata da questão trabalho docente ao afirmar: “O professor deve levar os alunos a agir através do exercício do filosofar, que consiste em problematizar, argumentar e conceituar”.⁸⁷ Com essa abertura, o educando se sentirá mais aberto ao pensar, sabendo que, com o apoio e o auxílio do professor, poderá abrir-se ao diálogo sobre as várias situações que experimenta.

Todas as competências, habilidades, conteúdos e recursos didáticos devem ser voltados a esse anseio de proposta de ensino de Filosofia, muito possível com essa perspectiva existencialista. A execução desse projeto enriquecerá o conhecimento e incrementará o processo de ensino e aprendizagem de Filosofia, bem como o crescimento de todos os envolvidos.

No quadro abaixo apresentamos o currículo a ser aplicado dentro do que nos propomos, tendo como base o filósofo existencialista Soren Kierkegaard e outros filósofos que também trabalharam o tema como: Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre.

Nesse currículo apresentamos a importância da Filosofia para a história de cada um que se coloca a conhecê-la, trazendo o existencialismo filosófico para esse cenário, especialmente em Kierkegaard. Em um primeiro momento provocar o aluno a mergulhar no mundo da Filosofia, nesse trajeto ele será convidado a conhecer a Filosofia existencialista, inicialmente em Kierkegaard analisando a angústia e o desespero, mas, também voltando o olhar para a fé e a razão.

Naturalmente não deixaremos de abordar outros importantes expoentes que trabalham o tema como Nietzsche que nos convida a interrogar a nossa própria vida, Heidegger a pensar nosso ser-no-mundo e Sartre que nos chama a reflexão das nossas

⁸⁶ ASPIS, Renata Pereira Lima. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 24, n. 64, p. 305-320, 2004. p. 309-310. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/deb_nre/filosofia/ensino_filosofia.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2018.

⁸⁷ COSTA, Jusley Pires Vidal. *Docência de filosofia: objetivando o filosofar*. [s.d] [n.p.]. Disponível em: <www.ufjf.br/.../files/.../ARTIGO-Docencia-de-Filosofia-objetivando-o-filosofar-2.doc...>. Acesso em: 14 ago. 2018.

próprias escolhas. Jamais poderemos esquecer que todo esse conteúdo será trazido à luz do contexto atual dos nossos alunos e suas vivências, realidade essa, de uma periferia no interior baiano e de uma escola pública e suas mazelas.

Acreditamos nesse currículo por ele visar o que a pesquisa propõe que é trazer a discussão o existencialismo presente na Filosofia de Kierkegaard, mas, também estando aberto a visitar outros pensadores que com sabedoria adotaram o tema.

Escolhemos para aplicação do currículo o livro *Filosofia: Experiência do pensamento*, da editora Scipione e de autoria do escritor Silvio Galo⁸⁸, pois, esse livro é adotado pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, Estado da Federação onde se encontra a escola, facilitando assim o acesso dos nossos alunos aos conteúdos e manuseio dessa ferramenta de conhecimento. Contudo, não abolimos inserir outros autores, pesquisar outros materiais didáticos, que dessa forma, poderá ser: texto, artigos, livros diversificados sobre Filosofia e existencialismo, filmes e series.

3.2.2 *Relatório de aplicação da proposta curricular*

Nesse ponto, apresentamos o relatório da proposta curricular e de que forma aplicamos com os nossos alunos esse anseio de discutir a filosofia existencialista e sua perspectiva dentro de uma reflexão em sala de aula.

Para isso, seguimos os passos de apresentação da proposta com o objetivo, conteúdo e metodologia aplicada para que todo o percurso fosse realizado com êxito. Nesse sentido, vejamos a seguir a trajetória realizada para aplicação dessa proposta curricular

Apresentação

Sabemos que a Filosofia precisa como disciplina oportunizar ao aluno desenvolver um pensamento questionador, investigativo e independente, enfim, permitir a ele experimentar a importância de elaborar um pensamento crítico. Contudo, a disciplina apresenta suas próprias características, bem como auxilia e aponta para habilidades específicas do pensamento que é abordado.

A disciplina de Filosofia no Ensino Médio tem um papel de profunda importância para consolidar e ampliar o pensamento do jovem e o contextualizar dentro da construção de suas próprias ideias, nesse sentido, é que aplicamos essa proposta curricular, permitido que ela fosse desvelada dentro da realidade dos nossos alunos e os convidando a uma reflexão filosófica existencialista.

⁸⁸ GALLO, Silvio. *Filosofia: experiência do pensamento*. São Paulo: Scipione, 2016.

Proposta curricular

Esse currículo visa através de sua aplicação, um desenvolvimento do senso crítico dos alunos, oportunizando nas reflexões filosóficas existencialistas um conhecimento que os ajude a enfrentar a realidade que vivenciam.

Desta maneira observamos que foi de imensa relevância a aplicação desse currículo de Filosofia com um olhar existencialista, tendo como base o filósofo Kierkegaard, sem deixar de abordar outros pensadores e sua contribuição, e de também ressaltar a importância que a Filosofia vem trazendo para a apropriação do pensamento de cada aluno em sala de aula.

Procuramos apresentar aos nossos alunos, uma Filosofia que pudesse despertar neles uma visão geral e uma leitura crítica do mundo que o cerca, facilitando o direcionamento para sua vida, seu futuro, bem como a convivência em uma sociedade pluralismo. Nesse sentido, pode se fazer questionamentos, escutas e reflexões sobre os diversos temas que a filosofia existencialista desperta, como: Angústia, desespero, fé, razão e as diversas religiões que estão presentes na região em que a escola está localizada, todas essas abordagens foram feitas com muito respeito e apontando para o conhecimento filosófico e sua contribuição como disciplina do pensamento.

Tivemos durante a aplicação do currículo a plena consciência que Filosofia não se apresenta como um conhecimento acabado, mas sim como um pensamento aberto as inúmeras possibilidades, sempre em busca de novos conhecimentos. Jamais se estabelece como a defensora de grandes verdades, mas se apresenta como um instrumento de criticidade e de conhecimento.

Observamos nesse processo, que a Filosofia é um grande instrumento de formação e também, como busca do sentido para a vida, da autonomia, da liberdade e do conhecimento existencial de cada aluno.

Objetivo geral

Sem dúvidas a Filosofia tem como objetivos gerar a reflexão, o questionamento e a autonomia de pensamento. E, foi com esse ponto de partida que levamos nossos alunos a mergulhar no conhecimento e a se encantar com o existencialismo filosófico e contribuição que o mesmo pode trazer para suas vidas.

Conteúdos

Os temas e conteúdos trabalhados foram trazidos na perspectiva existencialista de desenvolver no aluno a criticidade e inseri-lo na realidade do mundo em que vive e assim, contribuir de forma significativa para melhorá-lo.

Nesse intuito, o currículo foi aplicado de acordo com as Diretrizes, Leis e Parâmetros Curriculares do Brasil e alinhados a realidade da Secretaria de Educação do Estado da Bahia e da escola Professor Firmo Nunes de Oliveira na cidade de Jequié-Ba.

O que é Filosofia?

I – Conceituando, contextualizando e analisando a importância da Filosofia.

I – A Filosofia e o existencialismo.

III – O surgimento da Filosofia existencialista e sua importância para a Filosofia.

Nesse primeiro momento colocamos o aluno frente à interrogação: o que é Filosofia? E dessa maneira, fizemos com que ele percebesse a importância da Filosofia para os questionamentos que a vida o apresenta, convidando-o a compreender a Filosofia existencialista e de como ela pode ajuda-lo no entendimento das situações trazidas pela vida.

A Filosofia existencialista e Soren Kierkegaard

I – Kierkegaard e seu pensamento.

II – Kierkegaard: vida e obra.

III- A razão e a fé em Kierkegaard.

Continuamos em um segundo momento, apresentando o pensamento do filósofo existencialista Soren Kierkegaard, sua vida, pensamento e seus embates entre fé e razão, trazendo essa reflexão também para os diversos contextos religiosos que cada aluno vivencia.

A filosofia e a reflexão existencialista de dois grandes e importantes filósofos.

I- Friedrich Nietzsche

II- Martin Heidegger

II - Jean-Paul Sartre

Concluimos, abordando alguns outros filósofos que também contribuíram imensamente com o pensamento existencialista e que de uma forma única vem enriquecer a reflexão dos nossos alunos e aprimorar suas ideias e questionamentos.

Metodologia

Aplicamos os conteúdos e temas, trabalhando as situações problema contextualizadas, dentro das aulas expositiva com a participações em grupo e individual, trazendo o auxílio do data show, textos, quadro branco, vídeos e livros que tratam dos temas abordados, tendo o livro *Filosofia: Experiência do pensamento*, da editora Scipione e de autoria do escritor Silvio Galo como norteador para nossos alunos.⁸⁹

Foi feita dentro desse processo uma avaliação processual e contínua, considerando os aspectos qualitativos e quantitativos de cada aluno, e isso, no decorrer da aplicação do currículo.

Conclusão

Observamos que o currículo proposto foi acolhido positivamente pelos alunos e que ocorreu com êxito o processo de ensino-aprendizagem, dentro da didática da escuta e do respeito às diversas opiniões, que a metodologia para a aplicação do currículo facilitou a integração e a compreensão dos conteúdos e temas que foram apresentados.

⁸⁹ GALLO, Silvio. *Filosofia: experiência do pensamento*. São Paulo: Scipione, 2016.



QUADRO 2 - Proposta curricular para a disciplina de filosofia do Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira.

| Unidade Escolar: Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|---|--|--|
| NTE: 22 – Jequié | | | | | | | |
| Etapa de Ensino / Modalidade: Ensino Médio Regular | | | | | | | |
| Ano: 2018 | | | | | | | |
| Área de Conhecimento: Ciências Humanas e suas Tecnologias | | | | | | | |
| Componente Curricular: Filosofia | | Série: 1ª | | | | | |
| Professor: Roberto Menezes de Castro | | | | | | | |
| | | Turno: Vespertino | | | | | |
| Unidade/ Período | Competências | Habilidades | Conhecimentos / Conteúdos | Estudos Transversais | Orientações e recursos didáticos | Processo Avaliativo | |
| | | | | | | Instrumentos | Critérios |
| I Unidade | Orientar para o conhecimento e as capacidades que concorrem para a reflexão, a apropriação e a criticidade junto ao pensamento filosófico existencialista. | Identificar no pensamento filosófico a compreensão das ideias e pensamentos com destaque para o existencialismo. | O que é Filosofia? I – Conceituando, contextualizando e analisando a importância da Filosofia. II – A Filosofia e o existencialismo. III – O surgimento da Filosofia existencialista e sua importância para a Filosofia. | I – Contextualizar a Filosofia e sua história, abordando dentro desse processo a contribuição do existencialismo | I – Situações problema contextualizadas. II - Aula expositiva. III – Participações em grupos e individuais. I – <i>Datashow</i> II – Quadro branco III – Livro IV – Filme V – Música | I – Teste II – Jogo das placas III – Produção Textual. IV – Prova | Avaliação processual e contínua, considerando principalmente os aspectos qualitativos observados no decorrer da unidade. |

| Unidade/ Período | Competências | Habilidades | Conhecimentos / Conteúdos | Estudos Transversais | Orientações e recursos didáticos | Processo Avaliativo | |
|-----------------------|---|--|---|---|--|---|--|
| | | | | | | Instrumentos | Critérios |
| II Unidade | Conduzir o conhecimento e as capacidades que com- correm para a reflexão, a apropriação e a criticidade da Filosofia e o existencialismo. | Identificar e contextualizar a importância dessa corrente filosófica para a existência e a criticidade humana. | A Filosofia existencialista e Soren Kierkegaard I – Kierkegaard e seu pensamento. II – Kierkegaard: vida e obra. III – A razão, fé e religião em Kierkegaard. | I – Realidade e contexto geográfico da nossa escola e condição social e existencial do seu entorno. II – Analisar a angústia e desespero em Kierkegaard e trazê-las para os dias atuais. | I – Situações-problema contextualizadas. II – Aula expositiva. III – Participações em grupo e individuais. I – <i>Datashow</i> II – Quadro branco III – Livro IV – Filme V – Música | I – Teste II – Jogo das placas III – produção textual IV – Prova | Avaliação processual e contínua, considerando principalmente os aspectos qualitativos observados no decorrer da unidade. |

| Unidade/ Período | Competências | Habilidades | Conhecimentos / Conteúdos | Estudos Transversais | Orientações e recursos didáticos | Processo Avaliativo | |
|------------------------|--|---|--|--|--|---|--|
| | | | | | | Instrumentos | Critérios |
| III Unidade | Apresentar o conhecimento e as capacidades que concorrem para a reflexão, apropriação e a criticidade em relação a alguns filósofos que trabalharam a questão existencialista. | I – Identificar as diferentes reflexões existencialistas entre Kierkegaard e outros filósofos existencialistas. | A filosofia e a reflexão existencialista de dois grandes e importantes filósofos. I – Friedrich Nietzsche II – Martin Heidegger III - Jean-Paul Sartre | I – Contribuição que cada um trás no sentido de afirmação da vida, do ser-no-mundo, escolha e liberdade. | I – Situações-problema contextualizadas. II-Aula expositiva. III – Participações em grupo e individuais. I – <i>Datashow</i> II – Quadro branco III – Livro IV – Filme V – Música | I – Teste II – Jogo das placas III – Produção textual IV – Prova | Avaliação processual e contínua, considerando principalmente os aspectos qualitativos observados no decorrer da unidade. |

Fonte: Secretaria de Educação do Estado da Bahia (2018).⁹⁰

⁹⁰ Adaptado de GALLO, Silvio. *Filosofia: experiência do pensamento*. São Paulo: Scipione, 2016.

CONCLUSÃO

Esta dissertação, com todos os elementos de que se compõe, reforça e comprova a importância da Filosofia no ensino médio e a contribuição que essa disciplina pode trazer aos alunos na sala de aula e na vida. Aprendizado e ensino serão sempre desafios, cuja superação não se pode abandonar, pois é a educação que faz a diferença nesse processo de construção do próprio sujeito.

Considerando-se esses pressupostos da Filosofia e sua imprescindível ponte com o cotidiano, surge uma Filosofia pragmática e de forte influência na realidade do sujeito. Objetiva-se enfaticamente que essa Filosofia se abra à criticidade e à argumentação, mas que também se permita transitar pelo domínio da fé.

Nesse cenário, a escolha do filósofo Soren Kierkegaard como referencial teórico para a reflexão aqui encetada teve como escopo a possibilidade de ponderações sobre fé e razão de modo sustentável a partir do existencialismo desse pensador. A imersão na filosofia existencialista de Kierkegaard conduz inevitavelmente ao conhecimento da contribuição que essa corrente traz à reflexão filosófica.

Todavia, o desenvolvimento desses princípios argumentativos requer o empenho na apresentação das orientações curriculares para o ensino de Filosofia, de suas leis, parâmetros e diretrizes, sem prejuízo da análise do currículo, ilustrado aqui com o caso particular do Colégio Estadual Professor Nunes de Oliveira, caso concreto sobre o qual é possível debruçar-se de modo a repensá-lo e refazê-lo numa perspectiva existencialista.

Como parte da proposta desta pesquisa – a elaboração de um currículo capaz de contemplar o existencialismo numa visão filosófica voltada à fé e à razão – é que a obra *Temor e tremor*, de Kierkegaard, foi consultada, apresentando essa abordagem pela fé de Abraão, que no silêncio busca o entendimento de suas dúvidas na entrega total a Deus, num momento crítico da existência, confiando completamente no Absoluto.

Desse modo, vislumbrando o currículo de Filosofia do Colégio Professor Firmo Nunes de Oliveira, o problema de início encontrado, foram os conteúdos que não atendiam as expectativa dos alunos e a realidade de cada um e da escola a qual eles estavam inseridos, por isso, acreditamos que poderíamos criar um currículo que fosse um elo entre os desafios enfrentados por eles e a escola, árdua situação já elencada no corpo dessa pesquisa.

Encontramos um currículo engessado e não aberto a inserir outras possibilidades, observamos conteúdos que definiam conceitos, mas, não permitia que o aluno se encontrasse dentro desse processo de conhecimento.

Por isso pensamos que dentro desse contexto de dificuldades da escola pública e de periferia, dos desafios diários enfrentados pelos nossos alunos e partilhados em sala de aula, poderíamos abordar uma filosofia que exprimisse os anseios de cada um. Nesse sentido, é que trazemos a discussão a filosofia existencialista do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, ele que nos apresenta em sua vida e obra uma reflexão que nos faz pensar a vida contextualizando-a com a realidade.

Nesse currículo apresentamos a importância da Filosofia para a história de cada um que se coloca a conhecê-la, trazendo o existencialismo filosófico para esse contexto, especialmente em Kierkegaard, sem deixar de abordar outros importantes expoentes que trabalham o tema, sem esquecer que todo conteúdo será trazido à luz do contexto atual dos nossos alunos, contexto esse, de uma periferia no interior baiano e de uma escola pública e suas mazelas.

Esta pesquisa conclui-se com a aplicação desse currículo proposto ao Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira, já aprovado para execução, de modo a contemplar na prática pedagógica do ensino de Filosofia, mais especificamente o existencialismo de Kierkegaard, norteando a reflexão dos alunos do primeiro ano do ensino médio sobre a própria existência.

Acompanha a execução deste trabalho a convicção de que ele contribuirá para a formação de alunos mais conscientes do seu papel como seres humanos, dotados de maior alcance da importância de sua existência e da responsabilidade individual como agentes de transformação diante da realidade que cada um enfrenta.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.

ALMEIDA, Jorge Miranda de. Kierkegaard: pensador da existência. *Revista “Existência e Arte”*, ano III, n. III, p. 1-17, 2007. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/3_Edicao/Jorge%20Miranda%20de%20Almeida%20FILOSOFIA%20ok.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2018.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2009.

ASPIS, Renata Pereira Lima. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 24, n. 64, p. 305-320, 2004. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/deb_nre/filosofia/ensino_filosofia.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2018.

BALDAN, André Santiago; SANTOS, Genivaldo de Souza. A possibilidade do ensino de filosofia: uma visão a partir de Kant e Hegel. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 2013, Curitiba. *Anais...* Curitiba. P. 15188-15199. Disponível em: <https://updoc.site/download/a-possibilidade-do-ensino-de-filosofia-uma-visao-a_pdf>. Acesso em: 28 jul. 2018.

BNCC, Base Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC19dez2018_site.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2018.

CASTRO, Milene Costa dos Santos. *Razão e fé uma leitura da obra temor e tremor de Kierkegaard*. 2009. 118f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/111213-2tjnCrSKdiyW.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

CAVALCANTE, Karoline Feitosa. *A problemática do ensino de filosofia: desafios e dificuldades do ensino Filosófico*. Ceará, 15 mai. 2011. Disponível em: <<http://filopensante.blogspot.com/2011/05/problematica-do-ensino-de-filosofia.html>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

CHAUI, Marilena. *Introdução a filosofia*. São Paulo: Ática, 2016.

COSTA, Jusley Pires Vidal. *Docência de filosofia: objetivando o filosofar*. [s.d] [n.p.]. Disponível em: <www.ufjf.br/.../files/.../ARTIGO-Docencia-de-Filosofia-objetivando-o-filosofar-2.doc...>. Acesso em: 14 ago. 2018.

COSTA, Paulo Henrique Silva; SILVA, Mariluze Ferreira de Andrade. O método pragmático de Charles S. Pierce. *Μετάνοια*, n.13, p. 19-32, 2011. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/revistalable>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da filosofia para uma geração consciente*. São Paulo: Saraiva, 1988.

_____. Fundamentos de filosofia. Disponível em: <<http://giulianofilosofo.blogspot.com/2012/01/soren-kierkegaard-1813-1855.html>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. *Competências e habilidades: da proposta à prática*. São Paulo: Loyola, 2010.

DANTAS, Walker de Barros. *O paradoxo da fé em Kierkegaard*. Disponível em: <<https://medium.com/@walkerdantas/o-paradoxo-da-f%C3%A9-em-kierkegaard-89f4158ed52b>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

DEWEY, John. *Reconstruction in philosophy*. New York: Mentor, 1950.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO - DCNEM. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

FERREIRA JUNIOR, Wanderley J. Ensinar e aprender a filosofar: reflexões. *Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação*. Natal – RN, v. 2, n.esp, p. 35-51, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/1089>>. Acesso em: 16 out. 2017.

FOGEL, Gilvan. Seminário de Heráclito: Introdução. *Kléos*, n.1, p. 89-111, 1997. Disponível em: <<http://www.pragma.ifcs.ufrj.br/kleos/K1/scan/GilvanFogel.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

FRANÇA, Helysson Assunção; LEÃO, Jacqueline Oliveira. A educação em Kierkegaard: um projeto de melhoramento do homem. *Cadernos Zigmunt Bauman*, v.6, n. 11, p. 51-63, 2016. Disponível em: <www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/download/5101/3133>. Acesso em: 10 ago. 2018.

GALLO, Silvio. *Filosofia: experiência do pensamento*. São Paulo: Scipione, 2016.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *Para compreender a filosofia de Donald Davidson*. 2007. Disponível em: <<https://ghiraldelli.files.wordpress.com>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

GOUVEIA, Ricardo Quadros. *A Palavra e o Silêncio: Kierkegaard e a relação dialética entre a razão e a fé em Temor e tremor*. São Paulo: Alfarrábio/Custom, 2002.

_____. *Paixão pelo paradoxo: uma introdução aos estudos de Soren Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. *Fé e razão*. 2010. n.p. Disponível em: <<http://sergiobiagigregorio.com.br/filosofia/fe-e-razao.htm>>. Acesso em: 5 ago. 2018.

HEIDEGGER, Martin. *Que é isto: Filosofia?* São Paulo: Vitor Cevita, 1973.

_____. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

JAMES, William. *Pragmatismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

JANZEN, Marcos Ricardo; HOLANDA, Adriano. Elementos para uma psicologia no pensamento de Soren Kierkegaard. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 12, n. 2, p. 572-596, 2012. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v12n2/artigos/pdf/v12n2a15.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

KIERKEGAARD, S. A. *Diário de um sedutor*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *O desespero humano: doença até a morte*. São Paulo: Unesp, 2010.

_____. *O conceito de angústia*. São Paulo: Editora Hemus, 1968.

_____. *Temor e Tremor*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LE BLANC, Charles. *Kierkegaard*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL - LDB. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

MEDEIROS, Alexsandro M. *Existencialismo*. 2017. n.p. Disponível em: <www.sabedoria politica.com.br/filosofia>. Acesso em: 28 mai. 2018.

MEUCCI, Arthur; BARRO FILHO, Clóvis de. O que “Ensinar Filosofia” quer dizer? *Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação – RESAFE*, n. 13, p. 76-92, 2010. Disponível em: <periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/download/5309/4424>. Acesso em: 20 out. 2017.

MORAIS, José Hernandes. *Absurdo, fé e existência em Kierkegaard (segundo Johannes Climacus e Johannes de Silentio)*. 2013. 92f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/1037/1/hernandesjosedemoraiss.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

MORAES, Simone Becher Araujo. *Ensino de filosofia: currículo, realidade de contexto e formação de professores*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/download/28262/pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

NAZARETH, Leandro. *Soren Kierkegaard: vida, obra e importância para a história da Filosofia*. Disponível em: <<http://leandronazareth.blogspot.com/2010/11/soren-kierkegaard-vida-obra-e.html>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

OLIVEIRA, André Luiz Holanda de. *Søren Kierkegaard: por uma filosofia da existência. Ágora filosófica*, Ano 15, n. 1, p. 169-194, 2015. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/viewFile/631/490>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

OLIVIÉRI, Maria de Fatima. Angústia existencial sob a ótica reflexiva de Sören Aabye Kierkegaard. *Revista Controvérsia*, v.3, n.2, p. 32-41, 2007. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/7043/3906>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

PARÂMETROS CURRICULARES DA EDUCAÇÃO NACIONAL - PCNs. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

PAULA, Marcio Gimenes. O silêncio de Abraão: os desafios para a ética em temor e tremor de kierkegaard. *Interações - Cultura e Comunidade*, v. 3, n. 4, p. 55-72, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3130/313027311004.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2018.

PAULO II, João. *[Carta aos bispos da igreja católica]*. Roma, 14 set. 1998. n.p. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hfjp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso em: 4 ago. 2018.

PERCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

PETRIN, Natália. *Pragmatismo*. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/pragmatismo>. Acesso em: 09 fev. 2018.

PIAZZA, Waldomiro O. *Introdução a Fenomenologia Religiosa*. Petrópolis: Editora Vozes. 1983.

REALE, Giovanni; DARIO, Antiseri. *História da filosofia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991a. v.2.

_____. *História da Filosofia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991b. v. 3.

RODRIGO, Lídia Maria. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*. Campinas: Autores Associados, 2009.

RORTY, Richard. *Verdade e progresso*. São Paulo: Manole, 2005.

SERENO, Caio Gonçalves Bezerra; PISANI, Marília Mello; VELASCO Patrícia Del Nero. Filosofia e sala de aula: propostas de um diálogo possível. *Revista páginas de filosofia*, v.2, n.1, p 139-174, 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/article/view/1956/1961>. Acesso em: 14 ago. 2018.

SILVA, Francilene Corrêa. *O ato de pensar no contexto do ensino de filosofia*. [s.d] [n.p]. Disponível em: <http://congressos.ifal.edu.br/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/view/File/1484/578>. Acesso em: 5 ago. 2018.

SILVA, Maria Aparecida da. *Currículo e projeto pedagógico: da impossibilidade de refletir sobre um sem refletir sobre o outro*. Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/smed/cape/artigos/textos/maria.htm>. Acesso em: 18 mar. 2018.

TIBURI, Marcia. *Filosofia em Comum*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *Filosofia Prática: ética, vida cotidiana, vida virtual*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

VIANA, Iury. *Existencialismo: Soren Aabye Kierkegaard*. 2009. Disponível em: <https://psicologado.com.br/abordagens/humanismo/existencialismo-soren-aabye-kierkegaard>. Acesso em: 6 ago. 2018.